



encontros IMPACTANTES

Quantas vezes é possível recomeçar?

UM CONTO DE
GABRIELLE SASSE



PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

.

encontros
IMPACTANTES

Quantas vezes é possível recomeçar?

UM CONTO DE
GABRIELLE SASSE

1ª Edição
2019

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

**Copyright © 2019 todos os direitos reservados à
Gabrielle Sasse**

É proibida a reprodução total e parcial desta obra de qualquer forma ou quaisquer meio eletrônico, mecânico e processo xerográfico, sem a permissão da autora. (Lei 9.610/98)

Essa é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos na obra são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes e acontecimentos reais é mera coincidência.

Crédito de imagens

FREEPIK.COM ©

Todos os direitos reservados

Revisão

VICTORIA GOMES

Capa | Diagramação

LARISSA CHAGAS

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à minha família, meu namorado, amigos e meus seguidores maravilhosos que estão me apoiando nesse projeto. Com certeza ele não teria saído do papel, não fosse o apoio e incentivo de todos.

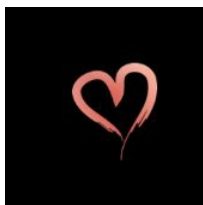
Obrigada também às pessoas incríveis que me ajudaram com a revisão e diagramação do livro, com certeza agregou muito à obra. E por último, mas não menos importante, obrigada também aos meus parceiros. Os que já me acompanhavam no instagram quando eu nem tinha pretensão de publicar um livro, e os novos que não estão medindo esforços para me ajudar com a divulgação dessa obra. Vocês são incríveis!

É muito difícil e ao mesmo tempo gratificante estar trazendo essa obra para que todos a leiam. Porque mesmo sentindo muito medo, sinto-me também realizada! Sou escritora de primeira PERIGOSAS ACHERON

viagem e ainda tenho muitos desafios pela frente. Espero que gostem do que estou trazendo para vocês!

Boa leitura!

Sinopse



O que fazer quando seus dias saem completamente dos eixos, quando seu coração e sua mente se desentendem, e cada encontro que acontece aumenta ainda mais a tormenta em sua vida?

Dalila encontrou a sua rotina. Já se acostumou com os desafios do trabalho, com as saídas esporádicas com sua amiga, com o trânsito caótico da cidade em que vive. O que ela não está mais acostumada é ter que lidar com as questões do coração.

Quando um encontro inesperado a deixa irritada, e cada envolvimento subsequente só mexe cada vez mais com seus sentimentos, Dalila se vê perdida em um mar de dúvidas. O que ela não

PERIGOSAS NACIONAIS

imagina é que para Arthur está sendo tão confuso quanto, e os dois encontram nas frases afiadas e respostas malcriadas um ritmo tão único que fica difícil se afastar.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO *um*

Dalila

É apenas terça-feira e o café preto já não está dando conta de enganar o meu sono. Tento correr contra o tempo, lembrando que preciso entregar essa matéria até o fim do dia, senão meu chefe vai comer meu couro. Mentira, não vai, porque Roger raramente consegue brigar comigo, mesmo que eu mereça, mas odeio decepcioná-lo. Mas como ninguém é de ferro, e eu também não sou, decido fazer uma pausa rápida para o almoço.

Antes que eu tenha a chance de sair, alguém bate à porta e respondo que podem entrar. Vejo o rosto de Roger surgindo pela fresta e já me ajeito na cadeira, alisando a saia involuntariamente.

— Bom dia, Roger.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom dia, querida. Como estás?

Ele encosta a porta e toma a liberdade de se sentar na poltrona à minha frente, desabotoando o terno ao mesmo tempo em que se senta. Ele cruza as pernas e parece até uma cena normal: meu chefe vindo me fazer uma visitinha como se não tivesse milhões de outras coisas com o que se preocupar.

— Tudo certo aqui, e você?

Ele desvia da pergunta e vai direto ao ponto.

— Preciso que você me faça um favor.

Aí vem. Roger nunca me pede favores. Apesar de ele me tratar mais como um ente querido do que uma funcionária, tudo sempre são ordens que nem hesito em realizar.

— Diga.

Ele começa a parecer nervoso, e nunca vejo esse homem nervoso. Roger suspira fundo antes de falar.

— Preciso de uma acompanhante para esse sábado.

A essa altura da minha vida, já aprendi a esconder minhas reações. Por isso, mesmo que por dentro esteja enlouquecendo com o pedido, finjo normalidade e apenas concordo com a cabeça.

— Claro, mas qual o caso?

PERIGOSAS ACHERON

— Um evento do ramo jornalístico, os donos de grandes empresas foram convidados. Não posso aparecer lá sozinho.

É claro que não pode. Se eu já não o conhecesse bem, acharia estranho um homem desse nível não ter nenhuma outra mulher disponível que precisa me pedir o *favor* de acompanhá-lo. Mas Roger não é de *ter* mulheres. Não duvido que ele se envolva com algumas por aí, mas nada sério e com certeza não o suficiente para chamá-las para um evento desse porte.

Ainda mais sabendo que Roger gosta de mim. Gosta até mais do que apenas uma funcionária prestativa. Não que ele tenha me dito algo, mas já desconfio disso faz tempo.

— É claro que eu te acompanho. Você passa para me buscar que horas?

Definimos o horário e ele sai da mesma forma que chegou: rápido e inesperado.

Decido não pensar nesse assunto até sábado, senão vou enlouquecer. Apesar de suas investidas discretas, nunca ele tomou uma atitude dessas. *Mas não é um encontro, Dalila, apenas um evento corporativo.* É com esse pensamento que decido esquecer o assunto, salvando o meu trabalho

incompleto à minha frente e desligando a tela do computador. Logo em seguida, apanho minha bolsa e meu celular para ir almoçar.

Tem um restaurante aqui perto que serve um prato pronto de salada que eu adoro. Sim, sou vegetariana. Não foi uma escolha minha, simplesmente aconteceu. Eu adorava comer carne, até que comecei a sentir uma rejeição a esse tipo de alimento; me sentia enjoada só de pensar. Vai entender. Eu já desisti, então nem percam seu tempo.

Enquanto ando pelas ruas de São Paulo, penso em como já me acostumei a quase correr nessas calçadas esburacadas com os meus saltos altos. Não que os meus pés não reclamem no final do dia, quando chego em casa e os liberto do sofrimento. Na maioria dos dias, preciso fazer uma bacia com água quente para tentar aliviar a dor.

Mas hoje tenho dificuldades para andar, não por causa do sapato, mas sim porque o movimento está fora do normal. Muitas pessoas para uma calçada tão pequena, causando um sério problema para mim. Estou com pressa, o dia é curto para tudo que ainda preciso fazer.

Resolvo fugir da fila descendo da calçada,

PERIGOSAS NACIONAIS

tentando vencer a altura do meio fio até o asfalto sem perder o equilíbrio, e corto caminho pela estrada, que possui uma fila imensa de carros andando a velocidades extremas, pelo menos tanto quanto o trânsito permite. Olho para trás de vez em quando por garantia. Sei que não deveria estar arriscando-me assim, com os carros passando a centímetros de mim e nenhum obstáculo para me proteger. Sinto meu corpo inteiro arrepiar com as rajadas de vento e as buzinas que recebo cada vez que algum carro passa por mim.

Talvez não tenha sido uma boa ideia.

Quando estou quase alcançando as portas do meu restaurante favorito, subo de volta na calçada. Mas, ao mesmo tempo em que tento voltar para ela, sinto alguém pegando-me pelo braço.

Tudo acontece muito rápido.

Sou puxada para o lado, derrubando o celular que estava segurando em minhas mãos. Viro a cabeça para ver quem é o doido que está me assaltando e encontro um par de olhos castanhos encarando-me. Eles não parecem felizes. Analiso a feição inteira da pessoa e, *meu Deus, que homem é esse?* E o que eu fiz para merecer esse olhar de reprovação?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao invés de me preocupar por estar sendo assaltada, ou por ter o meu celular derrubado em algum lugar, ou por estar perdendo tempo de almoço, apenas paraliso. Não consigo entender o que está acontecendo. Olho para os lados, para baixo, então mais uma vez para esse homem alto de cabelos pretos que continua a me encarar. Irritado.

Retribuo sua carranca e me viro, puxando comigo meu braço que ainda está preso em sua mão. Ao menos ele não está me assaltando, eu acho.

— Qual o seu problema? — grito com ele, tentando vencer a barulheira das pessoas que passam desviando de nós.

Olho para os lados, tentando encontrar o bendito do meu aparelho eletrônico, mas fica difícil procurar enquanto ele *ainda* não me liberta. Não sei se tem problemas mentais, se é mudo, surdo ou o que, porque não me solta e também não me responde.

— Hã, com licença, querido? Você pode me fazer a *gentileza* de soltar meu braço? — Faço questão de usar um tom de voz que demonstre minha irritação, finalmente conseguindo uma reação sua, que solta meu braço e me responde.

PERIGOSAS ACHERON

— Qual o *seu* problema, você quer dizer?

Qual o *meu* problema? Oi? Quem está se fazendo de doido aqui é você, fofo.

Percebo as pessoas ao nosso redor encarando a cena, mas ignoro. Estou apenas tentando seguir a minha vida, mas esse cara maluco aqui está me impedindo. Aliás, se vocês têm tempo para ficar bisbilhotando a vida alheia, por que não aproveitam e me ajudam?

— Você estava andando na estrada. Sabe qual a chance de ser atropelada? Muito grande. — Ele mantém um tom de voz neutro, calmo, mas ao mesmo tempo sinto uma leve reprovação em suas palavras. Quem ele acha que é?

— Olha, estou com pressa e está impossível andar nesse lugar. Mais ainda agora que uma pessoa aleatória resolveu se fazer de doido pra cima de mim.

Aponto meu dedo contra seu peito, reforçando o que acabo de falar. Não consigo deixar de reparar, mesmo com o meu acesso de fúria, que ele tem um peito muito forte. Deve malhar muito para conseguir manter esse físico.

— Olha aqui, garota, só te puxei porque é loucura andar no meio dos carros, ainda mais nessa

cidade que ninguém respeita muito os limites de velocidade. Mas quem sabe da sua vida é você. Me desculpe por querer ajudar. — Ele joga as mãos para cima e faz uma careta que imagino ser para enfatizar seu sarcasmo.

Praticamente ignoro suas palavras e me agacho para tentar ver meu celular. Percebo algo reluzir mais a frente, mas, quando estou prestes a alcançá-lo, alguém pisa em cima e vejo meu mundo sendo destruído em questão de segundos.

Todos os meus documentos, trabalhos que guardava no arquivo do celular, todas as fotos que transferi da minha câmera, tudo perdido. Sinto meus olhos enchendo de lágrimas, mas não posso desabar aqui. Ajunto o que sobrou do aparelho e me levanto, ao mesmo tempo em que guardo os destroços na bolsa. Passo o dedo logo abaixo dos olhos, tentando secar as lágrimas que insistem em surgir.

— Sinto muito.

— Você *sente muito*? Tem noção do que eu acabei de perder? Foram *meses* de trabalho, todas as minhas fotos, o último evento que fotografei só estava nesse aparelho. Eu perdi tudo, e por sua culpa. Você sente muito?! — Eu estou

praticamente cuspiendo e berrando as palavras ao mesmo tempo em que gesticulo com as mãos. Perco o controle das lágrimas, agora irradiando raiva e mágoa ao mesmo tempo.

Ele fica me encarando sem emitir um som sequer, apenas transfere o peso do corpo de uma perna para outra e pigarreja, alto o suficiente para eu conseguir ouvir. Ameaço dar as costas e ir embora, mas ele me segura pelo braço, desta vez com mais delicadeza.

Viro o rosto para o lado, tentando evitar essa cena constrangedora com alguém que nem conheço. Consigo sentir seu olhar em mim, mas continuo encarando algum ponto mais ao longe. Ele demora alguns segundos até falar.

— Não tive intenção, só queria ajudar e acabei atrapalhando. Me desculpa pela grosseria. Posso me redimir? Sou TI, posso tentar recuperar os seus arquivos.

Olho em sua direção pelo canto de olho e noto que sua carranca não está mais aí. Só vejo culpa e um pouco de compaixão em seus olhos. Meço suas palavras, considerando seriamente em recusar; meu orgulho não me deixa aceitar ajuda do cara que é culpado por tudo isso. Mas não estou

PERIGOSAS NACIONAIS

com grana sobrando para pagar alguém pelo serviço e não posso perder todo o meu trabalho.

Talvez essa seja a coisa mais arriscada que faço em toda a minha vida. Estou prestes a aceitar a ajuda de um estranho que me agarrou do nada fazendo eu achar, por alguns instantes, que queria me assaltar. O que me garante que essa não é mesmo sua intenção?

Mas olho agora diretamente em seus olhos, seus cílios ridiculamente grandes, sua barba por fazer, seu nariz pequenininho, que não combina muito com o homão que ele realmente é, e só consigo pensar que ele não pode ser uma pessoa má. E eu preciso dessa ajuda, então vou confiar nos meus sentidos.

— Tá legal, pode ser. Só espero que você não arruíne ainda mais as coisas.

Minha voz sai um pouco rouca por causa do choro que estava até agora tentando segurar.

— Vou fazer de tudo pra ajudar. Você está livre agora? Meu apartamento é aqui perto, podemos ir lá e já vejo isso pra você.

Ele fala isso com a maior naturalidade do mundo, como se sua oferta não fosse o maior absurdo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não posso — respondo depressa demais, em partes porque quero contrariá-lo, mas também porque meu tempo está curto. — Estou com um serviço atrasado e tenho que entregar hoje.

— Tudo bem, pode ser hoje à noite, o horário que você estiver livre. Eu costumo dormir tarde de qualquer forma. — Ele nota minha hesitação. — Mas a pressa é sua. Estou às ordens.

Desisto de lutar contra o que eu já sei que vai acontecer. Vou aceitar sua ajuda.

— E como vou conseguir te encontrar? Estou sem celular.

Ele parece pensar um pouco, até que vejo um sorrisinho estampar seu rosto. Aí vem. Conheço essa expressão. Todo homem, quando acha que vai fazer uma gracinha, faz essa cara de malandro. O que eles não sabem é que geralmente não tem graça. Eu conto ou vocês?

— Não consegue se virar sem um telefone? É uma daquelas pessoas que precisa o ter grudado ao corpo o tempo todo?

— É claro que consigo. Olha, quer saber, deixa que eu me viro, eu..

— Calma — ele interrompe meu pequeno momento de surto —, vou te dar meu endereço e

PERIGOSAS ACHERON

você aparece quando der. Pode ser? Eu trabalho de casa, então tô quase sempre lá.

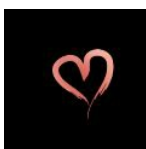
Ele se acha muito íntimo mesmo para me convidar pra ir à sua casa. E se for um maníaco? É loucura eu aceitar uma proposta dessas se nem conheço o doido.

— Ok, se der eu apareço — falo, mais para ser teimosa mesmo, porque por dentro já sei o que vou fazer.

— Você precisa de mim, então sei que vai aparecer. — Ele expõe mais um sorriso, achando-se o engraçadinho, o que eu ignoro com um revirar de olhos. Parece que ele leu a minha mente.

Pego um cartão com o seu endereço e dou as costas para ir embora, olhando rapidamente o cartão antes de guardá-lo na bolsa. Então Arthur é o nome dele.

— Ei, posso ao menos saber seu nome? — Ele grita quando já estou a alguns passos de distância. Olho para trás e dou um sorriso, ignorando sua pergunta. Continuo meu caminho até o restaurante.



O resto do dia passa voando, me viro nos trinta para conseguir finalizar o trabalho a tempo. Nem tive tempo de me preocupar com o problema celular e homem estranho que vai consertá-lo. Mas agora que entreguei a minha matéria para a revisão, preciso muito conseguir recuperar as fotos que fiz do evento esse final de semana que passou. Fui muito burra em não salvar em outro lugar. O jeito é encarar esse doido que apareceu na minha vida, rezando para que ele não seja *literalmente* maluco.

Estou prestes a chamar um táxi quando vejo pelo endereço que ele me passou que seu apartamento fica bem perto daqui. Troco o salto alto por uma sapatilha bem mais confortável que sempre carrego na bolsa e sigo em direção ao maior desafio do dia. Apesar de ser tarde, a rua ainda está bem movimentada e por isso agradeço. Não gosto de andar sozinha a noite, em São Paulo nunca se sabe quando vamos nos deparar com o perigo.

Avisto o prédio marcado no endereço e toco o interfone do apartamento 1004. Demora alguns segundos até ele atender. Trocamos palavras breves e logo estou no elevador. O prédio onde ele mora é realmente muito bonito. Apesar de não ser

expertise na área, reparo que os revestimentos são de alta qualidade. Um lugar desses nessa região central da cidade deve custar uma fortuna. Então já tenho a primeira informação: pobre ele não é.

Quando o elevador para e indica o décimo primeiro andar, minhas pernas decidem travar. Preciso respirar fundo e criar coragem para seguir até a frente da sua porta, onde ainda espero alguns segundos até conseguir tocar a campainha. Não sei como me comportar, estou ficando nervosa e começo a me questionar se foi uma boa ideia vir até aqui. Quando estou considerando ir embora sem dar as caras, a porta se abre e vejo o ser humano com uma mão apoiada no batente e outra postada na cintura, dando um sorrisinho sarcástico para mim.

— Está com vergonha de bater? — Ele espera alguns segundos, mas não penso em nada bom o suficiente para rebater a pergunta. — Vamos, entra. Melhor acabar logo com isso, antes que você resolva chamar a polícia.

— Eu deveria me preocupar? — questiono enquanto aceito o convite e sigo até o meio da sala, que é também o hall de entrada. Sinto seus olhos seguindo-me. Espero que indique o sofá para eu

tomar a liberdade de me sentar. Daqui consigo enxergar a cozinha, que fica logo ao lado e tem quase visão total deste ponto.

— Talvez, mas agora é tarde, você já está aqui.

— Obrigada pela sinceridade — zombo, tentando quebrar o clima. *Respira, mulher, ele é só um nerd do TI que está tentando tirar uma com a sua cara.* Aliás, qual o preconceito com nerds? Só porque ele é nerd, não pode ser perigoso?

Arthur se senta logo ao meu lado, mais perto que o necessário, percebo, e começa a tamborilar os dedos nos seus joelhos. Com essa proximidade, consigo sentir o seu perfume e o calor que emana do seu corpo. Na verdade, ele é um homem muito bonito. Tentei ignorar esse fato porque estava, quer dizer, *estou* muito irritada. Um pouco engraçadinho demais, mas confesso que o charme não deixa a desejar...

— Então, você vai me entregar o celular ou não?

Prefiro não responder. Abro rapidamente minha bolsa e retiro o que ele me pede, colocando em cima da mesinha à nossa frente ao invés de precisar aproximar nossas mãos. Enquanto faço

isso, repreendo-me mentalmente por ter me perdido em pensamentos.

Ele analisa um pouco as peças quebradas do aparelho e logo em seguida abre seu notebook. A partir daqui decido ignorar o que está acontecendo. Começo a ficar nervosa, com medo de perder todo o conteúdo importante que está ali. Preciso me distrair senão vou ter um ataque de nervos.

— Posso pegar um copo d'água? — Afino minha voz no final da frase, involuntariamente. Aqueles surtos que acontecem às vezes que nem Deus sabe explicar. Pergunto-me se ele percebeu.

Lembro até hoje da minha professora de oratória criticando-me por causa do meu sotaque. Antes de morar em São Paulo, eu era de Santa Catarina. Dizem, bom, não sei quem diz, mas parece que o pessoal do Sul tem o costume de puxar o tom da voz em algumas palavras, o que chamam de falar “cantando”.

— Fique à vontade.

Espero que me fale onde está, porque também não vou ficar fuçando a sua cozinha. Mal nos conhecemos.

— Você está esperando *eu* te servir? — Percebo que ele faz questão de usar um tom

zombeteiro. Reviro os olhos e me levanto, indo em direção à cozinha. Que se dane, então. Queria aparentar a menina educada, mas, se ele não ajuda, quem sou eu para me importar?

Abro a geladeira e pego uma garrafa. Demoro um segundo a mais, percebendo que ele não tem nada além de cerveja e uma bandeja de iogurte na sua geladeira. Nem parece que vive alguém aqui. Cato um copo que encontro de cabeça para baixo no corredor, ao lado da pia, e despejo parte do conteúdo da garrafa nele. Quando volto para o meu lugar, cuido para me sentar um pouco mais longe do que antes.

— Sabe, pra um apartamento tão chique quanto esse, imaginei que você teria mais condições de manter sua geladeira abastecida — brinco porque sei que não têm chances nenhuma dele sofrer por falta de dinheiro, não morando onde ele mora.

— Você está sendo preconceituosa. — Ele se limita a responder.

Dou de ombros, respondendo um desinteressado “pode ser”, enquanto reparo no quadro pendurado ao lado da porta de entrada. Parece ser de algum artista famoso, mas agora não

consigo me recordar quem. Tento ler a assinatura, mas é impossível de traduzir aquela letra.

— Herdei o apartamento dos meus pais. Ultimamente estou escolhendo entre pagar o condomínio ou abastecer a geladeira.

Ele fala tão sério que eu acredito. Arregalo os olhos em sua direção, quase derrubando o copo de água das minhas mãos. Ele me encara com um semblante sério, sobrancelhas levemente franzidas. Estou a ponto de implorar desculpas pela minha falta de delicadeza quando noto o canto da sua boca se remexer. Meu sexto sentido apita na minha cabeça. Ele está zoando com a minha cara. Só pode. Ou será que não?

Então, ele explode em uma gargalhada tão alta que até as pessoas lá na rua devem conseguir ouvir. Sinto meu rosto esquentar de raiva da brincadeira de mau gosto dele.

— Devia ter visto a sua cara! — ele fala quando finalmente termina com o seu ataque descontrolado de risos.

Continuo ignorando sua presença, virando a cabeça para o outro lado, fingindo estar entretida olhando para a sua cozinha. Apesar de não ter nada de interessante lá. Nunca vi uma cozinha mais sem

graça quanto aquela. Todos os eletrodomésticos são dos mais caros possíveis, mas é tudo escuro, sem nenhuma decoração. Sem nenhum enfeite colorido dando vida ao ambiente. Eu jamais ia aguentar viver em um lugar desses. Faço questão de encher minha casa de coisa, mesmo que não combinem entre si. Pelo menos não fica monótono.

— Mas agora falando sério, isso se chama preguiça de sair de casa, e não falta de dinheiro.

Respondo com um simples “uhum” e me encosto no sofá, cruzando os braços e as pernas após apoiar o copo na mesinha. Quero continuar de cara fechada, mas pelo canto do olho reparo no seu notebook e fico agoniada, mas também empolgada, ao ver minhas fotos surgirem na tela. Esforço-me para continuar ignorando sua presença ridícula.

— Você pode parar de batucar o pé assim? Tem gente que mora aqui embaixo, viu?

— Ah... Desculpa. — Descruzo as pernas tentando segurar meu tique.

Acho que não preciso explicar que eu faço isso involuntariamente, quando estou ansiosa. Tento controlar meus nervos, focando meus pensamentos em outra coisa, mas não tenho sucesso por muito tempo. Levanto-me do sofá e

PERIGOSAS NACIONAIS

começo a caminhar para lá e para cá, reparando em todos os detalhes da decoração do seu apartamento.

— Você pode parar de perambular assim? Está me distraindo. — Arthur joga uma almofada contra o meu corpo, por pouco não atingindo a mesa alta de vidro que está encostada no corredor de entrada. Devolvo a almofada com mais intensidade, cuidando apenas para não passar perto do computador. Ele nem pisca quando levanta a mão com habilidade e a segura, devolvendo-a para o seu devido lugar.

— Olha, você vai conseguir salvar meu celular ou não? — Paro de frente para ele colocando, as duas mãos na cintura.

— Seu celular não tem salvação, os seus documentos talvez.

— Sim, sim, isso que quis dizer. — Reviro os olhos, impaciente.

— Estou quase terminando aqui, relaxa. Pega uma cerveja lá na geladeira pra mim?

Era só o que me faltava. Ele ainda quer se aproveitar da minha boa vontade? Porque paciência não tenho mais.

— Quer uns amendoins também? — falo enquanto vou em direção à cozinha.

PERIGOSAS ACHERON

— Se você estiver a fim de ir buscar. —
Parece que ele está sempre com a resposta na ponta da língua.

Desisto de lutar contra sua personalidade intragável e pego duas cervejas, pois, se vou servi-lo, então também tenho o direito de beber uma. Entrego a dele e volto a caminhar pela sala, desta vez mais devagar, analisando os seus porta-retratos, a outra única coisa que compõe a decoração de toda a parte do seu apartamento que consigo ver daqui. Ele tem muitas fotos com pessoas que eu imagino serem seus pais. Uma garota mais nova aparece em outras, que, pela semelhança, digo ser sua irmã. Nenhum vestígio de namorada. Bom, pelo menos ele só é doido, e não doido e traíra.

— Talvez poderíamos emendar um filme depois que eu terminar aqui.

Oi? Engasgo com a cerveja que estou tomando e, no mesmo segundo em que tento disfarçar, arrependo-me, porque acabo tossindo ainda mais. Espero minha crise de tosse passar, mas pelo menos me dá tempo para pensar. Só que não sei o que dizer. Foi totalmente inesperado e sem sentido, e o pior é que ele falou sério. Aparentemente.

Acabo deixando a pergunta morrer sem resposta, e ele deve imaginar que isso significa um não. Por um segundo, acho que vai fazer uma piada. Sua boca se abre, mas no mesmo segundo se fecha, como se tivesse desistido do que ia dizer, e acaba voltando sua atenção novamente para o serviço enquanto dá de ombros.

Esse convite parece um absurdo, mas por incrível que pareça, eu sinto vontade de ficar. Ainda mais quando vejo seu rosto murchar numa feição desanimada. Não sei se essa é a cara dele normalmente, mas, ou estou enganada, ou ele ficou chateado com a minha reação. O que mais ele esperaria? Mal conheço o homem e, de dez palavras que ele diz, nove são com a intenção de me tirar do sério. Mas eu quero ficar. Talvez seja carência. Definitivamente, carência.

Um tempo se passa em silêncio absoluto. Eu caminho pela sala, pela cozinha e até mesmo pelo corredor que vai para os quartos. Procuro um banheiro sem pedir permissão. Quando volto, vejo que o *notebook* está desligado e ele encara a tela apagada. Quando percebe minha presença, seus olhos se concentram em mim. Desejo poder desviar o olhar, porque este momento me parece muito

constrangedor. Mas ele se levanta e vem em minha direção, ainda fitando-me com o semblante extremamente sério.

— Não preciso ficar com medo, né? — Tento fazer uma piada para quebrar o clima, mas ele praticamente ignora e se aproxima ainda mais.

Ele está parado a poucos centímetros de mim, quando já posso sentir sua respiração em meu rosto, e percebo seus lábios se abrirem lentamente, suas mãos vindo ao encontro das minhas. Sei que estou suando, que meu coração está acelerado. O que ele está fazendo?

— Aqui está.

Ele coloca meu celular em minhas mãos, junto com um *pen drive*.

— Ah. — Deixo o ar que eu estava prendendo escapar, coisa que achei que só aconteci nos livros; isso porque nunca passei por uma situação dessas. — Obrigada. Você conseguiu!

Falo as últimas palavras com bastante emoção, mudando meu humor da água para o vinho, porque é realmente como me sinto: feliz. Em questão de segundos tudo que aconteceu no resto do dia se esvai das minhas lembranças e só consigo pensar em como, graças a... bom, graças ao *Arthur*,

meu trabalho está salvo. Tentei negar a mim mesma, mas na verdade eu estava muito preocupada em perder todos esses documentos. Pelo estado do celular quebrado, não achei que seria possível salvar qualquer coisa.

— Prometo que não fuzei suas fotos. — Ele fala em tom de brincadeira. — Mas confesso que não consegui evitar imaginar o que tem aí. — Sinto a malícia em sua voz. Descarado que só.

— Bom, poderia ter olhado, não ia encontrar nada demais, garanto. Gosto de bater foto dos outros, mas não de mim.

— Sério? — Ele parece realmente surpreso. — Imaginei que você fosse do tipo que fica tirando milhões de *selfies* e fotos no espelho. — Ele gesticula com as mãos fingindo estar batendo fotos suas com um celular invisível enquanto faz caretas.

— E o que te fez imaginar isso? — provoco.

— Bom, você é muito linda, deve saber disso. — Sinto pura sinceridade em suas palavras, algo que não estava esperando agora. Muito menos dele.

Eu sei. Sou alta, mas não demais. Tenho um corpo avantajado, mas não gordo. Meus cabelos

morenos combinam com a minha pele branquinha e, apesar de ter cara de menina, sinto que minha presença causa efeito nos homens. Mas não gosto de ficar posando para fotos. Eu gosto de ver os outros detrás das câmeras, nunca eu.

— Você sabe disso, né? — ele me questiona quando não respondo.

Percebo que estou fitando o chão, então volto meus olhos em sua direção. Ainda estamos muito próximos.

— Claro. Só prefiro ser a fotógrafa, não a modelo. — Não sei por que, mas diminuo o tom da minha voz.

— Entendi. Bom, se algum dia precisar de uma cobaia, estou aqui.

Ele consegue me roubar um sorriso com essa frase. Eu adoro bater fotos, mas ainda não consegui fazer disso uma profissão. São poucas as vezes em que me chamam para fazer algum trabalho assim. E, quando chamam, consigo quebrar o celular e quase perder tudo.

— Sabe, não é uma má ideia. Mas ainda preciso ter certeza de que você não é nenhum psicopata. — Aproveito o momento de brincadeira para dar um passo atrás, aumentando o espaço entre

nós. Melhor assim.

Nessas poucas horas que passamos juntos hoje, desde o momento que nos esbarramos na rua, vi dois lados dele. Ainda não sei identificar quando ele vai externar cada um.

— E como pretende desvendar esse mistério? — provoca, aproximando-se novamente.

— Sou jornalista, tenho os meus meios. — Dou uma piscadela em sua direção. Continuamos na brincadeira de eu me afastar e ele tentar se aproximar mais.

— Parece que o mau humor foi embora, hein? — Ele dá o último passo e consegue me prender contra a parede do corredor. Não tenho mais para onde fugir.

Ele gosta de me provocar. Será que é assim com todo mundo ou eu sou a azarada?

— Estou um pouco mais relaxada agora que sei que meu trabalho está fora de perigo. Aliás, obrigada — falo com sinceridade. — Apesar de você ter sido o culpado disso tudo. — Sem perder a chance de implicar com ele. Claro.

Ajeito o cabelo, olho para os lados, tento contar até dez. Ele está me deixando excepcionalmente nervosa com toda essa

aproximação. Fixo meus olhos no seu queixo, porque ele é mais alto que eu e não tenho coragem suficiente para olhar para cima. Ele coloca seu dedo levemente em meu queixo e levanta meu rosto, até nossos olhos se encontrarem.

— Eu sinto muito. Prometo que só estava tentando ajudar, posso te comprar um celular novo. Acho que é o mínimo que eu deveria fazer.

As minhas condições financeiras realmente não estão boas o suficiente para eu conseguir arcar com um aparelho novo agora, mas o meu orgulho não me permite aceitar a oferta. Posso parcelar em doze vezes.

— Quer saber? Por que não esquecemos esse começo desastroso? — Faço a sugestão, esperando que ele vá se afastar e aceitar a oferta de paz.

Arthur parece pensar por uns segundos, com a expressão muito séria, até que um pequeno sorriso se forma em seus lábios avermelhados.

— *Ok.* Eu aceito. Já sei como podemos recomeçar. — O doido pisca para mim. *Ah, não.*

Ele coloca os dois braços ao redor da minha cintura e abaixa sua boca em direção a minha. Tudo acontece muito rápido, não poderia ter fugido disso

nem se eu tentasse. *Ok, talvez pudesse.*

Seus lábios se aproximam ainda mais dos meus e, quando vejo, ele está me beijando. Apoio minhas mãos contra seus pulsos, que me seguram firmemente. Levei-as até lá com a intenção de afastá-lo, mas não consigo. Sinto seu hálito de cerveja se misturar com o meu. Lentamente, ele aprofunda o beijo, sem invadir muito o meu espaço. Só sinto seus dedos em minha cintura e seus lábios depositando pequenos beijos nos meus, enquanto o resto dos nossos corpos permanece afastado. Acabo abrindo mais a boca e ele encara isso como um convite.

É então que me dou conta do que estou fazendo. Arregalo os olhos, que estavam instintivamente fechados, e reparo que os seus também estão. Sua expressão é serena enquanto explora minha boca.

Empurro-o com toda a força que consigo juntar e me afasto correndo, indo em direção à porta enquanto tento limpar minha boca com os dedos, tirando o excesso de batom que deve ter borrado. Falho miseravelmente, vendo parte do batom na parte de cima da minha mão e sentindo o resto que continua depositado no meu rosto.

— Espere! — Ele vem em minha direção, tentando me segurar pelos braços. Esforço-me para controlar a respiração enquanto falo.

— Isso foi um erro. Me desculpe. Agradeço a ajuda, mas preciso ir. Agora. — Mal consigo falar frases completas pela falta de ar que me invade.

Pego meu celular e o *pen drive* e os coloco na bolsa ao mesmo tempo que me dirijo para fora do seu apartamento.

— Posso ao menos saber o seu nome?

Ele está ao meu lado novamente, mas dessa vez sem me encostar. Percebo que ele cuida para manter uma certa distância. Sinto seus olhos em mim, enquanto eu encaro o visor do elevador, rezando para que os números subam mais rápido.

— Por favor — ele insiste.

Aleluia. O elevador chegou. Entro depressa e, em um vislumbre, percebo a bagunça que estou. As bochechas rosadas, cabelo bagunçado, o batom definitivamente borrado. Desvio o olhar e meus olhos dão de encontro com os dele através do espelho.

— Dalila.

A palavra sai em um ruído baixo. Não sei se ele me ouve. Noto que o elevador não está se

movendo, até que saio do meu transe e lembro que preciso apertar o botão. *Que tansa, Dalila.* Quando finalmente aperto o botão do térreo, o elevador desce e saio em disparada do prédio.

Enquanto ando em direção às ruas já não muito movimentadas, tento não pensar no que aconteceu. Estou completamente desnorteada.

CAPÍTULO *dois*

Arthur

Não sei explicar o que aconteceu hoje. Meu dia estava tranquilo até me deparar com *ela* andando na rua, meio fora de si, como se sua mente estivesse em outro lugar que não ali, pedindo para ser atropelada pelos carros que transitavam na movimentada Avenida Brigadeiro Faria Lima. Percebi que estava desatenta porque os carros passavam buzinando, a centímetros de distância do seu corpo, e ela não reagia. O celular balançando na mão, os saltos altos pisando com rapidez no asfalto, o cabelo esvoaçando para todos os lados.

Eu precisava fazer alguma coisa. Percebi um carro mais ao longe, em que o motorista estava

conversando no telefone e nem parecia perceber o movimento ao redor. Se ainda estivesse andando na beira da rua quando ele passasse por ela, as chances de acontecer um acidente eram grandes. Foi aí que comecei a correr na calçada, tentando contornar o grande grupo de pessoas, sem muito sucesso. Acabei trombando em muitas, o que me resultou em alguns xingamentos. Estava tão afoito com toda a correria que nem pensei quando cheguei perto dela e a puxei pelo braço. Sei que fui meio bruto e acabei assustando-a. O resultado foi um celular detonado e a troca de algumas frases malcriadas.

Confesso que passei o resto do dia preocupado. Não queria ter causado danos ao celular dela, mas foi um acidente. Por causa disso, quase não consegui focar no trabalho, pensando se iria conseguir ao menos recuperar suas fotos. Mas também, quem é que salva um trabalho fotográfico somente no celular? Ela é maluca por fazer isso, porque as chances de acontecer um desastre são grandes. Deveria ao menos salvar na nuvem.

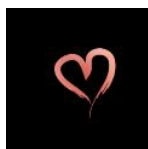
O que me consola é que a minha parte eu fiz, e com a melhor das intenções.

Poderia dizer que a noite terminou muito bem, apesar da implicância que não consegui

evitar. Mas eu consegui estragar tudo nos últimos poucos minutos antes de ela sair do meu apartamento correndo, provavelmente achando que sou maluco, porque roubei um beijo dela. Confesso que não planejava tomar essa atitude, mas não consegui resistir. Senti a mulher desafiadora que é no momento em que botei meus olhos nela, e o pouco tempo que passamos juntos dentro do meu apartamento foi suficiente para mexer comigo. Logo eu, que sempre consigo me controlar tão bem, fazer o meu joguinho de homem sedutor e difícil, fiz essa cena, parecendo um nerd desesperado por atenção feminina.

Tento expulsar os pensamentos do dia desastroso que tive e focar no agora.

Tenho muito trabalho a fazer. Preciso terminar esta primeira parte da programação para apresentar ao cliente amanhã cedo na nossa reunião, mas acontece que o dia não foi nem um pouco produtivo. O jeito é preparar um café bem forte, porque a noite será longa.



Termino tudo que preciso duas horas antes da reunião. Permito-me cochilar no sofá por uma horinha, garantindo que o despertador está ativado para não acontecer nenhum contratempo. Estou tão cansado que tenho um cochilo pesado, sem sonhos. Acordo com o despertador, que berra nos meus ouvidos, resistindo à tentação de ativar o modo soneca e me permitir mais alguns minutinhos de descanso. Levanto-me e vou direto tomar um banho bem gelado para afastar o sono que me consome, seguido de mais uma xícara de café preto.

Separo tudo que preciso para a reunião e, antes de sair, confirmo na minha agenda o local de encontro, apenas por garantia. É em uma área de *coworking* aqui perto do meu prédio, a apenas alguns minutos de distância a pé. Lembro de ter reservado um espaço com multimídia para ajudar na apresentação. Hoje é um dia muito importante.

Quando o senhor Cavalcante mandou eu mesmo ficar com a responsabilidade de arranjar um lugar para a reunião, achei estranho, porque ele tem um prédio enorme que deve ter muitas salas para essa finalidade. Mas não discuti, talvez ele só goste de ser surpreendido de todas as formas possíveis.

A manhã em São Paulo está como todas as

outras, o tempo fechado e as ruas absurdamente movimentadas. Às vezes tenho vontade de me mudar para uma cidade mais calma, ou pelo menos um bairro mais calmo, mas sei que é aqui que encontro os meus maiores e melhores clientes. Enquanto caminho em direção ao espaço, repasso na mente os pontos principais que preciso comentar na reunião.

Chego com meia hora de antecedência, então aproveito para pedir um café e um sanduíche na cafeteria do prédio, e os levo junto comigo para a sala reservada. Enquanto termino o meu café da manhã, repasso a programação que fiz, analisando alguns pontos que ainda posso melhorar, mas sabendo que para uma primeira impressão está ótimo, talvez um dos meus melhores trabalhos até hoje.

Confesso que me senti desafiado quando o dono de uma das maiores revistas do país me ligou, pedindo que eu inventasse algo diferenciado que permitisse a integração de todos os setores da sua empresa. *Enquanto o jornalista escreve a matéria, o revisor já está ali, acompanhando e pronto para rebater com a sua crítica.* Lembro que foi o que ele usou de exemplo para explicar o tipo de programa

que ele precisa. Parece simples, mas por trás disso há tantos pontos que precisam ser pensados, que quebrei muito a cabeça até achar a ideia perfeita. Fiz muitas pesquisas a respeito do processo de criação da revista, conversei com diversos funcionários por telefone e até procurei informações sobre seus concorrentes para saber como eles trabalham.

Enquanto vejo o ponteiro se aproximar das nove horas, meu coração bate mais rápido e minhas mãos começam a suar. Geralmente fico tranquilo nessas situações e consigo passar bastante confiança aos meus clientes, mas desta vez o negócio é grande, e sei que não posso bobear. Se eu tiver o dono da *Business Magazine* recomendando-me, estou feito na vida. Assim como corro o risco de ele não gostar da minha proposta e arruinar o meu nome para sempre. O meu futuro depende desta reunião, não posso vacilar.

Repreendo-me por ter me permitido tanta distração ontem, mas não poderia ter deixado a garota sem ajuda, já que tive parte da culpa no desastre com o seu aparelho. E aquele beijo no final da noite, ah, não tenho como me arrepender.

Coloco os *folders* que preparei com a

apresentação do sistema em cima da mesa, cada um em uma das cadeiras, pois sei que ele vai trazer alguns funcionários para acompanhar a reunião. Enquanto ajeito a multimídia, alguém bate à porta, e o meu coração parece saltar tão rápido que acho que vou ter um ataque, mas logo me acalmo quando a abro e vejo que é apenas a atendente da cafeteria trazendo o que encomendei. Uma térmica de café, leite, algumas águas e umas bolachinhas.

Enquanto ela arruma tudo para mim em cima do balcão, me olho no vidro espelhado e ajeito a gravata. Não costumo usar terno, mas, em uma ocasião como essa, sei que aparência é tudo.

Agradeço quando ela se retira e, neste exato instante, percebo que o meu cliente aproximando-se. Mesmo se eu já não conhecesse suas feições, diria que é ele pela impressão que causa. Suas roupas, seu jeito de andar, sua expressão que diz: sei que sou foda. Em questão de poucos segundos, consigo analisar tudo isso. Estou prestes a estender minha mão para ele e me apresentar quando olho para o lado e vejo quem o acompanha.

Ela.

Dalila.

Desgraça.

A mulher que me tirou dos eixos ontem aparece justamente no momento mais importante da minha vida para estragar tudo. Ela me odeia, sem sombra de dúvida. Minha atitude com ela ontem foi imperdoável e agora é o momento perfeito dela se vingar. Eu só espero com todas as minhas forças que ela não o faça.

Eu realmente fiquei com vontade de vê-la novamente, apesar de não saber explicar o porquê, mas, considerando o modo como terminamos a noite, não é nessa situação que gostaria de estar.

Volto minha atenção para o dono da *Business* e tento esquecer o ponto que me aflige.

— Bom dia, senhor Cavalcante.

Trocamos um cumprimento e ele me retribui com um bom dia, logo em seguida direcionando-se para as pessoas que o acompanham.

— Arthur, estes são alguns dos meus colaboradores. Eles vão participar da reunião para me ajudar na avaliação do programa. Afinal, nada melhor do que as pessoas que se envolverão com ele todos os dias para analisá-lo.

— Claro. Por favor, fiquem à vontade.

Abro espaço para que todos entrem na sala

e, à medida que vão passando, cumprimento um por um. Cada colaborador me retribui o aperto de mãos e seu respectivo nome. Percebo de canto de olho que ela ficou por último na fila propositalmente. Quando chega sua vez, apenas aguardo para ver qual será sua atitude. Ela me olha com bastante seriedade e estende sua mão.

— Prazer, senhor Arthur. Meu nome é Dalila.

Ufa. Neste momento, sinto meu corpo relaxar um pouco, ganhando a consciência de que ela vai fingir que não nos conhecemos e então nada será arruinado. Mas então Dalila finaliza sua frase, agora um tom um pouco mais baixo para que ninguém escute:

— Tenho certeza de que essa reunião será muito interessante.

Ela me presenteia com um sorriso levemente sarcástico, logo em seguida dando-me as costas e indo se sentar. Dalila sabe que essa é sua chance de retribuir as brincadeiras e piadinhas que não me controlei em fazer com ela ontem, e hoje não posso fazer nada além de ouvir calado.

Respiro fundo e tento mentalizar apenas energias positivas. Não acredito muito nessas

coisas, mas na situação em que me encontro, qualquer ajuda é válida.

Na próxima hora inteira, me desligo completamente de qualquer preocupação que não seja fazer uma ótima apresentação do meu trabalho. Faço uma introdução explicando meu campo de pesquisa e todos os pontos que considere importantes antes de iniciar, e então mostro o programa para eles, apresentando diversas funções que criei e focando bastante na integralização que o sistema faz entre os setores da empresa. Envolve desde a área de criação até a parte de vendas, permitindo que todos façam uso da mesma ferramenta.

Quando a apresentação finalmente termina, sou bombardeado com perguntas, principalmente do senhor Cavalcante, ou Roger, como ele pediu que eu o chamasse. Os seus colaboradores também me questionam sobre alguns pontos, mas neste caso são coisas mais práticas do dia a dia deles, e até solicitam que eu acrescente algumas funções, nada muito complexo.

Apesar dos meus esforços para colocar concentração total na reunião, não deixo de perceber a chefe do Departamento de Entrevistas,

ou então, Dalila. Ela permaneceu calada o tempo todo, mas com as mãos muito ágeis fazendo diversas anotações na sua agenda. Quando acho que vou escapar do seu gênio difícil, Roger se pronuncia, perguntando se ela não tem nenhuma dúvida. E é claro que, se ele pede, é porque quer que ela tenha, então Dalila vai ser obrigada a me questionar.

— Sim, senhor, tenho. Estava aguardando todos terminarem para eu apresentar alguns pontos. Apesar de estar muito satisfeita com tudo que o senhor Arthur nos apresentou, percebi alguns *gaps* em algumas funcionalidades do sistema, mas que acredito serem de fácil correção. Não vejo a necessidade de exteriorizar todos os detalhes agora, posso preparar um e-mail elencando todos os pontos. Mas gostaria de tirar uma dúvida. Arthur, você comentou que quer integralizar todos os setores, mas isso não é um pouco arriscado? Quer dizer que todo mundo terá acesso a tudo que está sendo feito na revista, mas eu acho isso um pouco perigoso, porque é muito fácil vazar informação. As pessoas do processo criativo não gostam de compartilhar o seu trabalho até ele estar bem lapidado, então podemos correr o risco de, além de

vazar informação, mas também vazar informação errada.

Dalila me presenteia com um levantar de sobrelanceiras, com quem diz que me desafia a respondê-la à altura.

— Certo. Realmente, minha intenção aqui é que todos os setores façam uso do mesmo programa, entretanto cada funcionário terá o seu login, que será desbloqueado para apenas algumas funções. Ou seja, nem tudo será liberado, apenas para as pessoas que cabem cada coisa. Por exemplo, todos os chefes de cada setor podem ter acesso à agenda de trabalho de todos os funcionários, mas não necessariamente visualizar em detalhes o que estão fazendo. Acho que esse é um ponto que vai depender muito da *Business*, e a forma como a revista trabalha. Podemos conversar mais a respeito para garantir que vou trabalhar em cima da ideia correta.

Percebo no seu olhar que ela aprova a minha resposta. Dalila me retribui com um sorriso discreto e agradece, em seguida afirmando que não tem mais dúvidas.

O resto da reunião se torna mais descontraído, até que o Roger se sente satisfeito,

me agradece pela atenção e se retira, com todos os seus funcionários seguindo-o. Percebo que a Dalila se demora propositalmente ao arrumar suas coisas para ir embora, ficando para trás. Quando Ana, a chefe do Departamento de Recursos Humanos, está passando pela porta, Dalila a chama.

— Ana, não vou voltar com vocês. Lembrei que preciso resolver uma coisa e já vou aproveitar meu almoço pra isso.

— Tá bom. Até mais então, Dalila.

Ana nem parece desconfiar da desculpa esfarrapada. Ela sai e, de repente, todo o agito que tinha na sala some, sobrando somente nós dois e um silêncio eterno.

Aproveito o momento para arrumar as minhas coisas, esperando que ela tome a iniciativa de falar algo. Mas Dalila permanece em pé, sem fazer nada, apenas olhando-me de uma forma estranha. Limpo a garganta, fazendo mais barulho do que gostaria, e olho diretamente nos seus olhos. Não consigo decifrá-los.

— Então, que coincidência. — Tento iniciar um diálogo. — Obrigado pela descrição, sei que deve estar um pouco chateada comigo, mas agradeço que não tenha demonstrado nada. Essa

reunião é muito importante para mim.

Começo a tagarelar sem nem pensar no que estou falando, torcendo para que ela me pare e fale algo logo de uma vez. Mas não fala. Então me calo e dou de ombros, porque não sei mais o que dizer.

— Bom, de qualquer forma, obrigado mais uma vez. Ah, e fico no aguardo do seu e-mail. O meu está no cartão que te entreguei ontem.

Coloco minha maleta no ombro e faço que vou me retirar da sala, quando ela finalmente parece sair do seu transe e reagir.

— *Um pouco chateada?* É assim que você acha que eu fiquei? — Sua voz não demonstra felicidade. Pelo contrário. Ela está irritada.

Volto a apoiar minha mala na mesa e a olho. Não sei o que responder. Foi apenas um beijo. Será que ela tem namorado?

— Olha, eu juro que foi sem intenção. Tomei uma decisão precipitada e agora me arrependo, pois sei que você não gostou. Mas não posso desfazer o que está feito, então gostaria que aceitasse minhas desculpas. Quem sabe podemos começar de novo?

Percebo no mesmo instante o que falo, algo que ela mesma tinha oferecido ontem:

recomeçarmos. Mas eu estraguei tudo quando cometi o erro de beijá-la. Não que eu não tenha gostado, mas ela obviamente não ficou feliz.

— Quer dizer, começar pela terceira vez, mas prometo ser mais educado dessa vez.

— Claro, porque agora seu salário está em jogo, né? Enquanto não tinha nada a perder, não pensou duas vezes ao me agarrar daquela forma, sem nem esperar minha permissão.

Pior que ela tem razão. Minha atitude não foi a mais nobre, mas não sei explicar o que aconteceu. Descontrolei-me. Agora ela me odeia, mas pelo menos não o suficiente para me ferrar no trabalho.

— Acho que eu tinha algo a perder sim, só não medi as consequências na hora. Sinto muito. Prometo nunca mais encostar um dedo em você, conquanto que não queira.

A este ponto da conversa, ela já está com as suas coisas arrumadas e pronta para ir embora, mas percebo sua hesitação ao parar em frente à porta.

— Eu realmente sinto muito que começamos com o pé esquerdo — completo, aproveitando seu momento de indecisão.

Não sei explicar, mas uma parte de mim

PERIGOSAS NACIONAIS

está com medo de ela nunca mais querer falar comigo. Essa mulher mexeu comigo desde o nosso incidente de ontem. Eu sei que causei a impressão errada, mas ela apenas acha que sou um babaca.

Tenho certeza disso quando Dalila parece tomar sua decisão ao simplesmente me desejar um bom dia curto e grosso e ir embora sem olhar para trás.

Hoje deveria ser um dia feliz, afinal consegui conquistar um dos maiores empreendedores do país com o *meu* trabalho, mas me sinto irritado. Comigo mesmo, o que é o pior.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO *três*

Dalila

Quando acordei hoje cedo, realmente acreditei que seria um dia bom. Após uma noite conturbada com sonhos estranhos, a única coisa que eu queria era esquecer tudo e seguir com a minha vida, esperando então que hoje fosse um dia muito melhor do que ontem, definitivamente. E estava tudo perfeito. Não perdi a hora, meu cabelo se encontrava em um estado aceitável, quase nada de olheiras para esconder com a maquiagem. Fiz o café com a medida certa de pó, não peguei chuva no caminho para o trabalho, tudo na mais devida ordem. Até eu descobrir quem é o magnífico programador que está preparando o novo sistema

da *Business Magazine*.

Ele. A pedra no meu sapato. A cereja no meu bolo, já que eu odeio cereja. Como é possível conhecer alguém há tão pouco tempo e já sentir um misto enorme de emoções?

Quando o vejo cumprimentando o Roger, fico sem reação. Mas quando chega a minha vez, tento incorporar o meu melhor lado, e não aquele que está apenas irritado e com vontade de fazer uma cena. Afinal, aqui, na frente do meu chefe preciso aparentar profissionalismo, e sei que se formos entrar no assunto do ocorrido de ontem, meus sentimentos vão falar mais alto e vou perder o controle.

Eu tendo a ser um pouco temperamental às vezes. Consigo deixar de me importar com muita coisa, mas há certos pontos que mexem comigo e perco toda a minha estabilidade. Tenho vários pontos para explicar o susto que foi o dia de ontem.

Perder o meu celular já é um grande motivo para me deixar chateada, afinal, já está difícil sobreviver até o final do mês, pior então se eu tiver gastos extras inesperados. Eu sei que recebo um salário bom e compatível com o meu cargo, mas o que eles não pensam é que, por ser chefe de setor,

PERIGOSAS ACHERON

preciso passar o exemplo, então meus gastos com roupas adequadas são fora do padrão. Sem contar que a vida em São Paulo não é barata, mesmo que eu more em um prédio mais simples e antigo, o que torna o aluguel mais em conta.

Outra coisa foi o medo de perder todas as minhas fotos, que, por burrice minha, estavam salvas apenas naquele aparelho.

E então, ele.

Não sei o que aconteceu, mas desde que o vi pela primeira vez, senti uma adrenalina diferente invadir o meu corpo e acabei cometendo loucuras que em sã consciência não faria. Mas no fim terminou quase tudo bem. Digo quase porque aquele beijo estragou tudo.

Se eu gostei? Muito. Se eu deveria? Não. Se estou feliz? Não e sim. E aí jaz o problema. O x da questão. O motivo de todo o meu drama particular. Porque a minha vontade é sentir ódio dele. Ódio pelo tratamento grosseiro que me ofereceu desde o início. Ódio por quebrar meu celular. Ódio por me beijar. E mais ódio ainda por eu ter gostado, e até ter sonhado com isso.

Os meus dias sempre seguem um padrão. Eu acordo, tomo café, me arrumo, vou trabalhar.

Passo momentos estressantes no trabalho, com o qual já estou acostumada a lidar. Finalizo o dia e repito tudo outra vez. De vez em quando, dou um jeito de esquecer os problemas na companhia de uma bebida e uma amiga.

Falando em amiga, logo quando chego na empresa, minha secretária avisa que a Bianca estava me procurando. Então nem entro em minha sala e vou direto à dela para aproveitar e descobrir pessoalmente o que ela queria.

Geralmente a porta está aberta, por isso, quando a vejo fechada, bato uma vez e espero-a responder para eu entrar.

Bianca é minha amiga de anos. Nós nos conhecemos muito antes de trabalharmos na *Business*. Logo quando me mudei para São Paulo, conheci a Bia em uma festa da faculdade. Estávamos as duas muito bêbadas e viramos melhores amigas naquela noite. A diferença é que nossa amizade se estendeu para depois da festa, quando a manhã chegou e a sobriedade bateu. Parece que foi um tiro certo. Nunca me identifiquei tanto com alguém. Hoje em dia, apesar de termos nossas próprias vidas, trabalho e problemas, sempre nos juntamos quando dá tempo,

PERIGOSAS NACIONAIS

e mesmo que a gente fique dias ou semanas sem nos falarmos, nada muda quando nos reencontramos.

Parece estranho pensar que ficamos tanto tempo sem contato se trabalhamos na mesma empresa. Mas acontece que esse prédio é enorme e nós duas atuamos em setores diferentes, então só nos encontramos aqui quando uma resolve procurar a outra, ou quando raramente acontecem reuniões ou confraternizações que envolvem todo mundo.

— E aí, gata, se escondendo hoje? — pergunto enquanto encosto a porta atrás de mim.

Tomo a liberdade de já ir tirando os sapatos depois que a abraço e beijo, logo em seguida sentando-me na sua mesa, de frente para sua cadeira, o que faz com que os meus pés balancem no ar.

Provavelmente estou com um pouco de chulé, coisa que sempre acontece quando uso sapatos sem meia. Mas Bianca já viu meus piores lados nos piores momentos possíveis, então o que é um chulezinho para o nível da nossa amizade?

— O meu secretário novo não para de encher o meu saco, guria do céu, não aguento mais!

Dou uma risada um pouco escandalosa

PERIGOSAS ACHERON

demaís, afinal, eu a avisei que contratar pessoas muito inexperientes é cansativo.

— Fora isso, ele está se saindo bem?

Ela toma a liberdade de massagear meus pés enquanto fala. Gosto assim.

— Sim, sim. Ele é esperto, sabe, mas parece que não consegue ficar longe. Fechei a porta para ver se entende que preciso de um pouco de espaço.

Bia chacoalha a cabeça em sentido negativo, franzindo os olhos ao mesmo tempo, expressão que já estou acostumada a ver em seu rosto quando sente aversão a algo.

— Relaxa, logo melhora. Mas e aí, me procurou mais cedo, o que queria?

— Pois é, agora não preciso mais, flor. Já me virei.

— Mesmo? Eu tava naquela reunião sobre o novo sistema da empresa.

Não consigo evitar largar um suspiro chateado, e me repreendo logo em seguida, porque ela não vai deixar passar despercebido.

— Desembucha logo, Lila. Qual o problema? Geralmente esse tipo de reunião te deixa toda eufórica, o que aconteceu?

— Nada demais, só não simpatizei com o

técnico.

Sei que não consigo enganá-la, a Bianca sabe exatamente quando estou mentindo, então é mais seguro tentar apenas omitir alguns fatos. Não gosto de falar de assuntos quando nem eu sei o que está acontecendo. Prefiro evitar.

— Por quê? É um velho chato fedido?

Bem pelo contrário, infelizmente.

Dou de ombros, tentando demonstrar indiferença.

— Acho que vai dar muita dor de cabeça toda essa mudança pro sistema novo. Mas como os desejos do *grande senhor Cavalcante* são uma ordem... — Enfatizo a frase com um leve tom de ironia. Todo mundo sabe que o dono da *Business* sempre pede coisas exageradas e os seus funcionários precisam se virar nos trinta para dar conta. Desta vez não vai ser diferente.

Lembro que ainda preciso preparar aquele e-mail para enviar para o responsável por tornar esse novo sistema realidade, e já me sinto agoniada só de pensar em ter que falar com ele novamente. Ainda bem que será por trás de uma tela de computador.

— Nessas horas eu agradeço por não

responder diretamente ao *Cavalchato*. Não sei se eu sobreviveria muito tempo. — Bianca mostra a língua, salientando a aversão que tem ao nosso chefe.

Cavalchato. Esse é o apelido que eu e a Bia inventamos para ele. Deus que nos proteja, porque se algum dia alguém nos ouvir chamando-o assim, certeza que estaremos na rua em dois segundos. Apesar do Roger simpatizar muito comigo, acho que ele não ia simplesmente ignorar uma atitude dessas. Mas não fazemos por mal. Brincamos com esse apelido somente entre nós duas, mas no fundo eu sei que ele é uma pessoa maravilhosa, quem não se entende com ele é a Bia.

— Provavelmente não — respondo à sua pergunta retórica. — Do jeito que você fica sentida com qualquer um que levanta um pouco a voz, ia sair chorando na primeira semana.

— Valeu, amiga, agradeço o *shot* de autoestima.

— Imagina, estou à disposição sempre que precisar. — Dou uma piscada e um leve sorriso em sua direção. Sinto falta de um momento só nosso. Anoto mentalmente para marcar algo com ela assim que possível. Uma noite das meninas com direito a

muita bebida.

Aproveito a deixa e pulo da sua mesa, indo em busca dos meus queridos saltos altos. Gemo de tristeza por fugir das mãos maravilhosas que massageiam meus pés, e por ter que levá-los de volta ao sofrimento. Pobrezinhos.

Dou mais um beijo na minha amiga, perguntando novamente se ela realmente não precisa de nada, e, quando me convence que não, saio da sua sala e sigo em direção ao trabalho árduo que me espera.



Não foi fácil redigir esse e-mail. Devo tê-lo reescrito algumas vezes até criar coragem para enviá-lo. Acontece que eu realmente achei algumas falhas no sistema e tentei apontar tudo da forma menos grosseira possível, porque o meu consciente quer estar irritado com ele, mas o coração não quer que o sentimento seja retribuído. *O que você está pensando, Dalila? Coração?*

Estou enlouquecendo.

O resto do dia retorna ao percurso normal e

consigo finalmente me colocar de volta nos eixos. Perco-me em todos os afazeres e consigo esquecer das coisas que desinquietaram minha cabeça nas últimas vinte e quatro horas.

Quando vejo, já são quase oito horas da noite. Passei o dia todo sem checar o meu e-mail, afinal, a lista de pendências estava tão grande que sequer tive tempo. Resolvo dar uma conferida por cima antes de desligar tudo e ir para casa, e é quando vejo que o Arthur respondeu às minhas solicitações. Com uma mensagem bem breve e direta.

“Podemos conversar pessoalmente para alinharmos melhor essas suas ideias?”

Atenciosamente,
Arthur Nogueira”

A princípio, acho que ele foi muito ousado no seu pedido, já que nossos encontros até agora não tiveram resultados muito positivos. Mas pensando melhor, sei que discutir todos esses pontos pessoalmente vai facilitar para deixar tudo bem esclarecido.

Resolvo deixar essa decisão para amanhã, até porque já estou muito cansada para conseguir elaborar uma resposta decente. Passo o olho em alguns outros e-mails não tão preocupantes, desligo tudo e penso em chamar um Uber, mas logo me lembro que estou sem celular, então decido pegar um táxi até o shopping mais próximo.

O trânsito de São Paulo está mais caótico que o normal hoje. Aparentemente, está chovendo faz tempo, coisa que eu não percebi de dentro do prédio. Apesar do shopping ser relativamente perto daqui, já me preparo para passar pelo menos uma meia hora dentro do táxi.

Ao menos o motorista parece estar de bom humor. Ele muda as estações do rádio até encontrar uma que está tocando sertanejo e começa a cantarolar junto. É difícil encontrar alguém hoje em dia que, após horas suportando o caos desta cidade, ainda esteja bem-humorado.

Acabo perdendo-me em pensamentos e quando vejo já estamos chegando na entrada do shopping. Pago o motorista, agradeço e vou direto para a praça de alimentação. Verifico o horário para ter certeza de que dá tempo de comer antes de procurar alguma loja de celular.

Resolvo enfrentar a fila do *Subway*, que é a menos pior comparada com todos os outros *fast food*. Passo pela mesma cena de sempre, deixando a atendente um pouco surpresa quando peço meu sanduíche sem carne. Enquanto aguardo o pão esquentar, única coisa que consigo pensar é nos meus pés doendo. Sinto meus pobres dedinhos esmagados e não vejo a hora de mergulhá-los em uma bacia de água quente.

Pago meu sanduíche, pego a bandeja e sigo em direção a alguma mesa vaga. Não sei se todo mundo resolveu fugir da chuva e veio comer no shopping, porque caminho por uns cinco minutos sem obter sucesso na busca pela mesa. Estou quase desistindo e indo pedir para embrulhar o sanduíche para comer em casa quando ouço alguém chamar o meu nome.

— Dalila! Lila! — Quase não tenho tempo de perceber quem está chamando-me. Ele chega já tomando a liberdade de me envolver em um abraço carinhoso. Ao sentir o seu perfume, muitas memórias invadem minha mente.

— Math!! Nossa, quanto tempo. — Reajo após uma travada momentânea.

Finalmente ele me liberta do abraço

demorado, o que me permite vê-lo melhor. A primeira coisa que noto é que finalmente deixou a barba crescer. Sempre imaginei que ele ficaria ainda mais bonito de barba. Eu tinha razão.

É uma sensação estranha reencontrar a pessoa que durante uma época invadia meus pensamentos dia e noite. Mais estranho ainda é que a única coisa que sinto hoje é indiferença. Fomos parceiros de vida por muito tempo, mas nosso relacionamento começou cedo e acredito que, enquanto amadurecemos, mesmo que juntos, cada um seguiu uma linha distinta.

Nosso término foi pacífico e a intenção era manter a amizade, mas não estava funcionando para mim e insisti em me afastar.

Hoje, vendo-o aqui na minha frente, consigo entender todas as razões para não ter dado certo.

Matheus logo me puxa pela cintura e vamos juntos em direção à mesa em que ele estava sentado. Aproveito para comer o meu sanduíche enquanto trocamos perguntas que são clichês entre pessoas que não se veem há tanto tempo. Onde está trabalhando, onde está morando, namorando ou solteiro? *Casado?! Uau.*

Ele se casou. Faz cinco anos que terminamos. Quer dizer que em cinco anos ele se apaixonou novamente, o suficiente para se casar com a pessoa. Mas mesmo assim, não deixa de me abraçar ardentemente ao me encontrar aleatoriamente no shopping. Se fosse eu a namorada atual dele, quer dizer, esposa, não ia gostar deste tipo de atitude. Mas ignoro, porque isso não é problema meu. Ele que deve ter a consciência de suas atitudes.

— Mas me conte, linda, continua trabalhando tanto quanto sempre? Deixa eu adivinhar, você saiu do trabalho agora há pouco e veio aqui atrás de uma janta rápida?

— Mais ou menos isso. — Reviro os olhos, lembrando de quantas vezes ele implicou comigo por trabalhar tanto e não cuidar da minha saúde. — Mas o motivo principal é porque preciso comprar um celular novo.

— Cansou do seu?

— Aconteceu um incidente. — Abano com a mão, dando a entender que não é um assunto importante. — Falando nisso, preciso correr pra pegar a loja aberta.

Já vou levantando-me enquanto falo, e ele

agilmente se levanta também, recolhendo as bandejas da mesa. Começamos a andar em direção à loja e ele me abraça pela cintura, agindo como se isso fosse muito normal. Resolvo ignorar, mais uma vez.

— Foi muito bom te ver, Lila. Espero que esteja feliz. — Paramos ao mesmo tempo em frente à loja e vejo uma pitada de emoção surgir em seus olhos. Ele coloca a outra mão na minha cintura e ficamos frente a frente. — Não trabalhe demais, se apaixone. Seja feliz.

Sua mão direita sobe até o meu rosto e começa a acariciar minha bochecha. Seria um toque normal e muito bem-vindo entre nós anos atrás. Hoje, me sinto envergonhada e tento afastá-lo, mexendo disfarçadamente minha cabeça para longe de sua mão.

— Eu sou feliz. — Sinto uma vontade enorme de dizer isso. Tento mostrar certeza no meu tom de voz. Quero que ele acredite.

Mas será que sou mesmo?

— Tá bom, linda. Se cuida.

Ele deposita um beijo tímido na minha bochecha, contrariando toda sua investida com falta de timidez desde que nos reencontramos. Retribuo

com um pequeno sorriso e sigo em direção à loja, enquanto ele sai pelo outro lado, mas minha saída acaba sendo atrapalhada quando trombo em algo grande e duro. Ou melhor, alguém. Estou prestes a pedir desculpas, porque realmente não vi a pessoa vindo, mas logo me calo quando vejo quem é.

Ah não, de novo não.

Perco a fala quando percebo Arthur parado à minha frente, olhando-me com um quase sorriso querendo escapar de seus lábios. Noto que ele realmente se segura para não rir, enquanto eu sinto meu rosto esquentar. Tento mentalizar para que eu não fique vermelha, mas deve ser tarde demais.

Bufo com a intenção de mostrar que estou irritada e não envergonhada com a situação. Mas vejo que o foco de Arthur está em outro lugar. Ele encara algo logo à minha direita e, quando me viro, entendo o que ele está vendo. Matheus. Que há pouco estava aqui abraçando-me e beijando, como se fôssemos um casal apaixonado.

Arthur retoma o foco e me olha perdido, agora não mais com aquele leve sorriso querendo escapar.

— Desculpa.

— Tudo bem — respondo rapidamente. —

Também foi culpa minha. Não tinha visto você atrapalhando meu caminho.

Não resisto em largar uma resposta sarcástica. É mais forte que eu. Ele suspira e fecha os olhos por um segundo, aparentemente decepcionado.

— Quero dizer, pelo outro dia. Se soubesse que você tinha namorado, jamais teria feito o que fiz.

Ah. É disso que ele está falando. Sua voz soa extremamente chateada. Uma parte de mim quer esclarecer a confusão logo, mas reúno forças para me aproveitar do momento.

— Quer dizer, então, que eu só mereço respeito quando tenho namorado? — Coloco as mãos na cintura e bato o pé no chão, aumentando o drama da frase.

— Não. — Ele revira os olhos. — Estou longe de ser o tipo de homem que desmerece ou desrespeita uma mulher. Não achei que beijar alguém fosse visto como algo desrespeitoso. Não te agarrei nem nada.

— É claro que me agarrou! Nem esperou para eu dar permissão.

— Eu sinto muito, porra!! — ele esbraveja,

e vejo uma veia saltar em seu rosto, comprovando sua irritação repentina.

Dou um passo para trás involuntariamente. Ele continua a falar, mas agora um pouco mais calmo.

— Confesso que achei ter sentido um clima naquele dia, mas é claro que eu estava errado. Você tem namorado e eu passei dos limites. Me desculpe. Se você concordar, podemos nunca mais tocar no assunto e manter nossa relação estritamente profissional. Já prometi nunca mais encostar em ti e sou um homem de palavra.

Apesar de calmo, sua feição está extremamente séria e sua voz sai em um tom baixo e grave. Arthur está realmente chateado com a situação toda, e eu aqui brincando com ele. Mas o homem está sendo meio dramático também.

— Olha só, Arthur. Tudo bem. Vamos esquecer isso. Relaxa. — Tento quebrar o gelo, mas não sei como fazer isso. — Aquele cara nem é meu namorado. Estou solteira. Não que isso te concerna respeito — completo rapidamente.

Vejo seus ombros relaxarem instantaneamente.

— Ótimo — percebo as engrenagens na sua

cabeça trabalhando —, então não preciso mais te respeitar. — Sua voz, antes séria e irritada, agora demonstra divertimento e sarcasmo. Como ele consegue mudar de humor com tanta agilidade? É pior que mulher de TPM.

Reviro os olhos e balanço a cabeça, levando um susto ao me lembrar que ainda preciso entrar na loja e eles já estão fechando as portas.

— Espera aí!!

Esqueço completamente a resposta que estava elaborando, indo em direção ao atendente que está prestes a abaixar a grade da entrada, agradecendo quando vejo-o me dar espaço para passar. Já sei o que eu quero, então pelo menos não vou roubar muito o tempo da atendente que vem, incrivelmente, com um sorriso no rosto perguntar o que desejo.

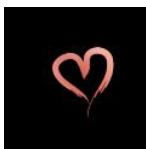
Quando termino de escolher o modelo do celular e discutir a forma de pagamento, tentando conseguir o maior desconto possível, lembro de supetão que não me despedi do Arthur. Apenas saí correndo feito uma louca, mas posso me justificar: não ia aguentar mais um dia sem celular.

Instalo o chip com o meu número, que deixei guardado na minha carteira para não correr o

PERIGOSAS NACIONAIS

risco de perder, e já saio da loja usando minha nova aquisição. Sinto-me contente, mas também muito pobre. Vou ter que cortar alguns gastos nos próximos meses para conseguir dar conta destas parcelas.

Guardo o celular antes de sair do shopping, para evitar novos acidentes. No caso, a essa hora da noite, o mais provável de se acontecer seria um assalto, coisa que eu prefiro evitar.



Agradeço ao Deus do trânsito que me permitiu chegar em casa em menos de dez minutos e me sinto em paz após tomar um banho e finalmente relaxar meus pezinhos. Pronta para dormir, resolvo instalar alguns aplicativos, ao menos os mais necessários para conseguir retornar ao meu ritmo de trabalho. Ninguém é cem por cento feliz se não consegue conferir os e-mails através do celular.

Releio o e-mail do Arthur e penso no que responder. Agora preciso ao menos me desculpar por tê-lo deixado falando sozinho, já que quando saí da loja ele não estava mais lá.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estou cansada e com os hormônios agitados. O dia foi muito intenso e talvez não seja a melhor ideia redigir uma resposta a essa hora da noite, mas ignoro minha consciência, digitando tudo com muita rapidez e clicando em enviar sem reler nada.

Adormeço logo em seguida e tenho um sono agitado, cheio de sonhos estranhos que pretendo esquecer.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO *quatro*

Arthur

Passo a madrugada inteira rolando de um lado para o outro na cama, sem conseguir realmente descansar. Resolvo levantar e dar uma volta pela casa, carregando o celular comigo. Acendo a tela para conferir as horas e é quando noto duas coisas. São duas da manhã. E fazem exatas duas horas que recebi um e-mail.

Mas não é qualquer e-mail. Dalila respondeu ao meu pedido de uma forma completamente inesperada.

“Boa noite.

PERIGOSAS NACIONAIS

Passe lá na empresa amanhã cedo, minha sala é a 308.

Obs: desculpa por hoje mais cedo, é que me desesperei quando vi a loja fechando.

Até amanhã.

Dalila”

Direta ao ponto, como sempre.

Largo o celular na bancada da cozinha e me sirvo de um copo de cerveja para ver se consigo dormir melhor. Algo me diz que amanhã será um dia emocionante. Se eu parar para pensar, os últimos dois dias já não deixaram a desejar. Desde que me deparei com Dalila andando na rua, os acontecimentos que sucederam foram que nem uma montanha-russa.

Desde seu ódio por mim, o nosso beijo repentino, o meu susto na reunião e o susto maior ainda ao achar que ela tinha namorado. Então o alívio, e agora o contentamento, ao receber esta mensagem. Nunca uma mulher mexeu tanto comigo, ainda mais de tantas formas diferentes.

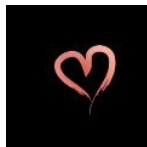
Pelo pouco que passamos juntos, parece

PERIGOSAS ACHERON

absurdo achar que já a conheço e compreendo tanto. Lembro da forma como ela enlouqueceu quando pisaram em cima do seu celular. Do seu rosto vermelho e do ódio cintilando de seus olhos. Arrepiei-me dos pés à cabeça naquela hora e, apesar do meu ímpeto de culpá-la pelo ocorrido, também senti uma necessidade extrema de consolá-la.

Não deixo de reviver em meus pensamentos os momentos com Dalila. Parece que ela veio como algo para ocupar minha mente, como se alguma energia superior houvesse escolhido a dedo colocá-la em minha vida e torná-la meu inferno particular. Paraíso também.

Ainda sinto o toque macio de seus lábios nos meus; por mais que o contato tenha sido rápido e logo interrompido por uma fúria absurda, não me esqueço da forma como se abriram para mim. Tento me segurar nesse fato para me culpar menos pelo beijo roubado. Afinal, ela correspondeu.



O dia começa agitado com uma ligação de minha
PERIGOSAS ACHERON

mãe, que às vezes parece esquecer do seu filho mais velho. Não que eu mereça muita atenção, ultimamente estou pecando no quesito filho presente.

— Bom dia, mãe. — Minha voz sai rouca, típica de quem acabou de acordar.

— *Te acordei, filho? Mas ainda bem, isso são horas de estar na cama? Foi dormir tarde?*

Como assim *isso são horas*? Afasto o celular do ouvido por um instante e me assusto com o horário. São quase onze horas da manhã.

— Não muito, mas perdi o horário. Acho que esqueci de ativar o alarme...

— *Como você está?*

— Bem, e você, mãe? — Agora que vejo como estou atrasado para o meu compromisso com Dalila, apesar de não termos definido um horário, torço para que minha mãe não esteja muito inspirada hoje.

— *Estaria melhor se meu filho viesse me visitar mais. Sua irmã já não aguenta mais de tantas saudades!*

— Também estou com saudades, mãe. Mas é que o serviço está uma loucura. Fechei um negócio grande. Mas prometo que tento visitar

vocês no final do mês, tá bom?

— *Hum, então tá... Mas não esquece que trabalhar demais também faz mal.*

— Se cuida, mãe. Eu preciso ir agora, mas te ligo hoje à noite. Te amo, beijos.

Fico ainda alguns segundos ao telefone ouvindo suas reclamações por não ter tempo para minha família nem para atender uma simples ligação. Tento explicar brevemente por que preciso ir, até finalmente conseguir que ela entenda. No fim, acho que nem entendeu, só aceitou porque eu estava praticamente implorando para desligar o telefone.

Corro para tomar um banho e deixo o café para mais tarde. Tem uma cafeteria no caminho que serve um expresso muito bom. Decido comprar um para Dalila também, mas não faço ideia de como ela toma seu café. Decido arriscar minhas chances no *latte*.

Para entrar no prédio da *Business Magazine* tem toda uma burocracia. Primeiro que sem identidade você não entra de jeito nenhum. Depois, eles perguntam onde você quer ir, por que, com quem, se marcou hora. Depois de toda uma entrevista, a secretária finalmente pega o telefone e

liga para a sala 308.

— Senhorita Dalila, desculpa incomodar. Arthur Nogueira está aqui na recepção pedindo para subir. — A secretária fica em silêncio por alguns instantes. — Ah, sim... Certo, obrigada. — A menina ruiva de franja e óculos de armação escura me olha constrangida. — Desculpa, senhor Nogueira, não sabia que está trabalhando em um projeto com o senhor Cavalcante. Pode subir, por favor. A Tânia irá acompanhá-lo até a sala da senhorita Dalila.

Ela prende um crachá em minha camisa e me direciona para a garota que está parada ao lado do balcão. Ela me cumprimenta e a sigo até o elevador. Tânia anda na minha frente, rebolando exageradamente, tanto que é impossível não olhar diretamente para a sua bunda esmagada em uma calça justa. Parece até que a rebolada foi proposital para chamar minha atenção.

— Senhor Nogueira, certo?

— Isso mesmo.

— Posso te chamar de Arthur?

— Claro.

— Primeira vez que vem aqui?

Limito-me a responder com um aceno de

cabeça enquanto entramos no elevador. Pode ser preconceito, mas em poucos segundos já percebo o tipo de mulher que ela é.

— Imaginei. Eu teria reparado em um homem desses andando pelos corredores.

Ela pisca para mim, aproveitando para passar as mãos pelo meu braço, fingindo alisar minha camiseta. Agradeço mentalmente quando o elevador para e me liberta deste momento estranho.

Quando saímos para o terceiro andar, a princípio vejo muitas salas e muitos corredores. Enquanto caminhamos, passamos por uma grande sala cheia de pessoas trabalhando em grupo, algumas atendendo telefone e outras focadas em algo na tela do seu computador. Atingimos finalmente a porta com o número 308.

Ainda seguro o café *latte* em minha mão, passando por um pequeno momento de arrependimento. Será que ela vai conseguir repreender essa minha atitude também? Do jeito que Dalila vem mostrando-se, sua tarefa principal é tentar encontrar algum defeito nas coisas que faço e falo.

A secretária que me acompanhou até aqui bate de leve na porta e, após ouvir uma permissão

PERIGOSAS NACIONAIS

para entrar, abre-a e se coloca de lado para permitir minha passagem. Ela se esforça para diminuir o espaço na porta, tornando quase impossível que eu passe sem esbarrar nela. Finjo que não percebo a atitude abusada.

— Com licença, senhorita Dalila. O senhor Nogueira está aqui para vê-la.

— Obrigada, Tânia. Pode encostar a porta ao sair.

— Certo. Até mais, Arthur. — Ela me dirige um sorrisinho travesso e se demora ao fechar a porta.

Quando finalmente fecha, de repente todo o barulho que vem do corredor se dissipa. Aparentemente essas portas são à prova de som.

— Olá — cumprimento-a, levantando o copo de café.

— Bom dia, Arthur. Parece que já está famoso.

Faço-me de desentendido e coloco o copo em cima da mesa.

— Trouxe para você. *Latte*. Espero que goste.

Ela parece analisar o copo por alguns segundos, até que estende a mão e o pega.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Um pouco tarde para tomar café, não acha? Perdeu a hora? — Sinto uma certa ironia no seu tom. Ela leva o café até a boca e toma um gole. — Mas está gostoso. Obrigada.

A forma como ela fala *gostoso* me desconcentra. Dalila se levanta e permanece em pé atrás da sua mesa. Reparo que ela não está usando salto. Na verdade, está descalça, e vejo seus sapatos jogados próximo ao sofá. Ela nota minha olhada de canto de olho.

Quando seus olhos seguem a direção dos meus, tomo uma liberdade para explorar mais o seu corpo. A roupa, apesar de social e adequada, ressalta algumas de suas curvas. Uma saia justa que acho impossível ser confortável e que, apesar de desenhar seu quadril, ainda deixa um pouco para a imaginação.

— Não vejo por que abusar dos meus pobres pés aqui dentro.

Confirmo, acenando com a cabeça.

— Bom, por onde começamos? — pergunto.

— Você está com tempo?

Ela se senta novamente e indica a poltrona do outro lado da mesa, logo à minha frente.

PERIGOSAS ACHERON

Começamos a analisar algumas questões que ela elencou no seu e-mail e adentramos em uma discussão eterna. Nem noto o tempo passar, até que o seu telefone toca. Ela troca umas breves palavras com quem quer que esteja do outro lado da linha enquanto eu consulto as horas. Já estamos há mais de uma hora conversando. Meu estômago reclama por já passar do meio dia e ainda não ter recebido nenhum alimento.

Espero-a desligar o telefone e pergunto se podemos fazer uma pausa.

— Estou com bastante fome, mas se você preferir terminar aqui antes, tudo bem — argumento quando vejo sua indecisão sobre a minha proposta de pararmos para ir comer.

— Não, podemos parar sim. Nos encontramos aqui novamente daqui uma hora? — Automaticamente olhamos o relógio do computador.

— Claro.

Por alguns instantes, acreditei que ela ia descer para almoçar comigo. Mas então me levanto e insinuo que vou sair, enquanto ela continua sentada digitando algo no seu aparelho telefônico, aparentemente novo. Seus dedos são ágeis e seus

olhos sequer piscam enquanto ela escreve.

— Você já vai descer também? — Indico a direção da porta.

— Ah, não. — Ela desliga a tela do celular e o coloca em cima da mesa. — Acabei de pedir para entregarem aqui em cima.

Seria ótimo não precisar enfrentar as ruas movimentadas de São Paulo até conseguir encontrar um restaurante menos movimentado, que mesmo assim deve estar com uma fila de vinte minutos para se servir. Mas não me sinto no direito de pedir para comer aqui também, então aceno em entendimento e vou andando até a porta. Quando estou prestes a fechá-la, atrás de mim, Dalila me chama.

— Nem me toquei de oferecer, mas se quiser pode comer aqui. — Demoro alguns segundos para responder e ela dá de ombros. — Assim já vamos adiantando o resto das coisas que precisamos ver.

— Claro. Pode ser. Mas vou precisar de um copo de água. Onde consigo um?

— Vou pedir pra Giovana te trazer.

Logo associo o nome à pessoa. Em frente a sala da Dalila, há um pequeno hall com uma

secretária, que pelo crachá é essa tal de Giovana. Deve ser a secretária particular de Dalila.

— Não precisa, eu busco! — Rapidamente volto para perto de sua mesa e seguro sua mão, que está pegando o telefone fixo, prestes a chamar a tal Giovana.

Sinto-me abusivo com esse tipo de coisa. Mesmo que ela seja sua secretária, não acho que servir água e café seja sua função. Tenho pernas e mãos, posso ir buscar eu mesmo.

— Arthur, essa é a função dela.

— É mesmo?

Dalila franze as sobrancelhas e me rebate com um “é claro que sim”, retirando sua mão debaixo da minha, que eu nem percebi ainda estar segurando, e liga para sua secretária, solicitando a água.

— Eu poderia ter ido buscar.

Ela me ignora e volta sua concentração para algum e-mail que acabou de receber. Não aceito silêncio como resposta e continuo argumentando.

— Não acho que ela foi contratada para servir cafezinho. Se você pesquisar no Google vai ver que “secretária” e “garçonete” não são sinônimos.

— Pelo amor de Deus, Arthur, pode parar de ser tão dramático? Ela é paga para fazer o que eu mandar, ponto.

— Então é maldade sua se aproveitar dela dessa forma. Aposto que Giovana tem sonhos de construir uma carreira, talvez um dia se sentar no lugar em que está sua bunda hoje. E receber ligação o tempo todo para servir água e café só deve desanimá-la. Já pensou se ela desistir do seu sonho porque acha que não tem chances? Porque a *chefe dela* não a incentiva a fazer mais?

Dalila respira fundo e me olha irritada. Quase posso ver uma fumacinha de raiva saindo dela.

Eu já fui uma Giovana da vida. Antes de me sentir confiante e seguir a vida de TI autônomo, trabalhava para um cara grande. Rico, famoso. Quando ele me contratou, falou que minhas funções seriam ajudar na programação de sistemas, mas que eu ia precisar colaborar um pouco atendendo telefone e clientes.

No começo, ele me deixava fazer de tudo um pouco e foi ali que aprendi muita coisa, pelo menos disso não posso reclamar. Muito do que sei hoje, eu devo a ele. Mas então ele começou a me

tirar do campo de ataque, da emoção, jogando-me para escanteio. Durante minhas últimas semanas na empresa dele, eu só fazia três coisas: atendia telefone, agendava reuniões e servia café. Nem preciso dizer que me demiti.

Na época, eu saía com uma garota que conheci lá na empresa e ela tinha uma teoria para justificar o rebaixamento que o Ricardo, meu então chefe, fez comigo. Ele se sentiu ameaçado. Viu que eu estava aprendendo muita coisa e, somando tudo que ele me ensinou com a minha vontade de aprender, comecei a pesquisar coisas, estudar e ir além.

Gostei da teoria dela e é no que eu acredito desde então, e foi também a justificativa que usei para criar coragem de me demitir e me mudar para São Paulo. Foi difícil, mas precisei colocar na minha cabeça que eu era bom o suficiente e ia conseguir sozinho.

E eu consegui. Afinal, estou hoje sentado com uma das subchefes da *Business Magazine*, discutindo o maior projeto da minha vida, apesar de que ela não deve saber disso.

— Arthur?

Percebo que me desliguei por alguns

instantes quando vejo Dalila estendendo um copo de água para mim. Nem vi sua secretária entrando na sala.

— Obrigado.

Limito-me a apenas agradecer e não insistir mais no assunto.

— Te garanto que a Giovana sabia exatamente o que ia fazer aqui dentro quando foi contratada. Acredite, ela está feliz de “servir cafezinho” aqui na empresa.

— Tudo bem, desculpa. Não tenho nada a ver com isso.

— Eu entendo o seu ponto, mas se você souber a história dela, vai ver que ela está muito além de onde esperava estar.

Dalila termina a frase com um tom que dá a entender que o assunto acabou. Ela não vai me dar mais detalhes da história. Aceito o que ela me oferece e desisto de discutir.

Exagerei um pouco na minha reação, mas é porque essa cena tocou em uma ferida antiga que eu achei ter superado. Mas ela não tem como saber disso, e eu não pretendo contar. Geralmente, eu ignoraria, porque estou acostumado com pessoas como o Ricardo. Individualistas e superiores, que

não se importam nem um pouco com o próximo e fazem questão de mostrar seu poder.

Mas me importei com ela. Uma parte de mim temeu que ela fosse como Ricardo e tantos outros. Desde que nos conhecemos, apenas três dias atrás, vi nela algo muito maior. Não quero aceitar que Dalila é só mais uma empresária sem empatia pelo próximo. Então me sinto confortado quando ela justifica a situação, mesmo ainda não entendendo muito bem. Se ela diz, vou acreditar.

Voltamos a focar nos últimos tópicos que faltam serem discutidos a respeito do sistema. Desde que cheguei aqui, fui anotando tudo que considere importante em um bloco de papel que ela me deu. Apesar de minha memória ser muito boa, não quero correr o risco de deixar algo passar.

Um pouco mais tarde, Giovana aparece novamente, agora com o nosso almoço. Comemos em silêncio, os dois claramente famintos.

— Onde você pediu esse almoço? Está muito bom, só faltou a carne para ficar perfeito.

— Um restaurante vegetariano, duas quadras pra frente. Nem me dei ao trabalho de perguntar se você come carne, porque não ia ter nenhuma opção lá.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então você não come? Carne?

— Não. Parei de gostar faz um tempo.

— E não te dá aqueles problemas de falta de vitaminas e sei lá mais o quê?

— Sabe que nem sei? Nunca fiz nenhum exame pra saber.

— Acho bom averiguar. Em últimos casos, conheço uma churrascaria sensacional. Podemos ir lá um dia para repor suas vitaminas.

— E o que aconteceu com seu papo de ontem? Achei que íamos manter nossa relação estritamente profissional.

— Ué, almoço executivo. Tenho que bajular meu cliente.

— Então tens que convidar o Cavalchato pra almoçar.

Quem? Demoro alguns segundos para conectar o apelido à pessoa, mas então olho para Dalila, que de repente parou seus dedinhos ágeis de digitar algo no computador. Ela arregala os olhos e me mira, assustada.

— Ele é tão ruim assim?

— Não. Claro que não. Falei sem pensar.

Vejo o desespero em seu rosto.

— Relaxa, doida, não vou contar pra

PERIGOSAS ACHERON

ninguém que você apelidou secretamente o seu chefe.

Divirto-me com Dalila, que continua a demonstrar sua preocupação por ter dado com a língua nos dentes. Nem ela viu isso vindo.

— É sério, Arthur. Se ele souber, ou minimamente desconfiar, estou na rua. O Roger confia em mim de olhos fechados.

— Então você é boa na malandragem.

— Eu nunca fiz nada, na verdade. Nunca o bajulei nem nada. Apenas cumpro minhas funções na empresa. Sempre recusei as investidas dele. Mas ele continua me achando a melhor. Vai entender.

— E apesar de não gostar, não queres perder esse privilégio de ser a queridinha do chefe, né?

— Só não quero ser demitida, tá legal?

— Tá bom, fica tranquila. Não vai sair nada da minha boquinha linda.

Dalila instintivamente direciona seus olhos para a minha boca. Aproveito o momento e passo a ponta da língua ao redor dos meus lábios, tentando fazer a careta mais sensual possível, provocando-a até não poder mais. Sua reação me impressiona, ela simplesmente entreabre os lábios, sem nem

perceber, enquanto continua a me fitar. Seu corpo vai se inclinando contra a mesa, como se ela fosse conseguir extinguir todo o espaço que existe entre nós.

Em questão de segundos, um desejo imenso me invade. Levanto-me da minha cadeira e contorno a mesa, em nenhum momento tirando os meus olhos dela. Reparo na sua boca, no seu nariz, no seu pescoço, no seu corpo. Desço até atingir suas coxas e rosto, parando meus olhos em sua boca. Ela parece fazer o mesmo enquanto se levanta, parando de frente para mim. Controlo-me para não encostar nela, lembrando da promessa que fiz.

Então alguém bate à porta.

Tânia nem espera permissão e escancara a porta, entrando na sala como se fosse dona do lugar. Que mulher desgracenta. Ninguém te convidou para o show não, pode voltar para o seu lugar.

Ela parece ficar surpresa quando vê a cena. Não que tenha muito o que ver. Estamos apenas em pé, um de frente para o outro, com uma proximidade muito íntima para o local e a situação.

Pigarreio, tentando disfarçar enquanto pego

qualquer papel em cima da mesa, fingindo estar entretido com uma lista de supermercado. Ando em direção à janela, que fica mais atrás da mesa, para ter tempo de me recompor.

— O que foi, Tânia?

A voz de Dalila parece ter dificuldades para sair. De canto de olho, noto que ela se senta na cadeira e volta a digitar algo no teclado, praticamente ignorando a secretária que permanece parada à sua frente.

— Chegou uma carta para você. Só vim te entregar.

— Certo, obrigada.

Percebo que a Tânia não está com muita vontade de ir embora, então decido arrumar minhas coisas para me retirar. Peço licença à secretária que atrapalha meu caminho até minhas anotações, separando tudo enquanto agradeço por ela finalmente decidir que vai sair.

— De nada. — Quando ela sai, deixa a porta aberta, desconfio que propositalmente.

— Bom, acho que terminamos por hoje. — Dalila não espera dois segundos para me enxotar também.

— Sim. Foi tudo muito esclarecedor. Assim

PERIGOSAS NACIONAIS

que finalizar as modificações, entro em contato para marcar uma nova reunião.

Não sei como o clima entre nós muda tão de repente. O que começou com a intenção de ser uma simples brincadeira acabou gerando um momento tão intenso, que logo foi quebrado por uma infeliz que, se não fosse impossível de ela adivinhar o que acontecia dentro da sala, eu ia dizer que foi proposital.

— Arthur?

— Sim?

— Você pode deixar baixo o que aconteceu?

Ela está falando do nosso quase beijo? Acha que vou sair contando para Deus e o mundo que quase beijei pela segunda vez a chefe do Setor de Entrevistas?

— Sei que o Roger vai me odiar se descobrir esse apelido besta.

Ah. Claro, faz mais sentido ela estar falando disso.

Pisco para ela e aceno com a cabeça, saindo da sala e fechando a porta logo em seguida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO *cinco*

Dalila

Minha vontade é esganar a Tânia, e depois me esganar também, afinal que loucura deu em mim de fazer aquela cena toda com o Arthur? Se não tivéssemos sido interrompidos, posso apostar que eu teria cometido uma loucura. Correria o risco de ser acusada de agressão, mas é claro que eu não ia simplesmente aceitar ele me beijar, de novo, sem eu revidar com um belo de um tapa. Quem ele pensa que eu sou? Só pode estar doido se acha que sou mulher para ficar agarrando por aí, a torto e a direito.

Estou há uns dez minutos sem saber o que

fazer, encarando a carta que permanece fechada em cima da minha mesa. Para ajudar, recebo uma ligação do Roger pedindo para ir até sua sala. O dia estava tão tranquilo hoje de manhã e de repente tudo saiu dos eixos. O que eu fiz para merecer esta semana insana?

Não posso deixar meu chefe esperando, então não fica difícil escolher o primeiro problema que vou enfrentar. A sua sala fica no quinto andar. Decido seguir pelas escadas para ter tempo de tirar o nervoso do corpo. Ainda sinto a tensão entre mim e o Arthur. Meu corpo inteiro se arrepiou quando ele se levantou e veio na minha direção. Foi por tão pouco...

Poderia fazer o caminho até a sala do meu querido chefe de olhos fechados. Ele me chama aqui tantas vezes durante a semana que nem me dou mais ao trabalho de contar. Eu sei que ele gostou de mim desde o começo. Sempre fui meio atrevida, com a língua solta, falo sem pensar; quando vejo, já falei. Ele gosta disso. Não sei explicar. A Bianca acha que ele se desafiou a me conquistar, porque sou a única nesta empresa que não se rende ao seu charme. Não que ele tenha tanto charme assim, mas todo mundo lamperia os

pés do Roger se ele pedisse. Só que eu não suporto ser assim. Estou onde estou porque fiz por merecer e porque tive sorte do meu chefe não ser orgulhoso. Ele continua tentando me conquistar, mesmo depois de tanto eu recusar.

Quando a secretária dele me vê, já faz sinal com a mão querendo dizer que posso entrar. Ele sempre me dá passe livre; qualquer outra pessoa precisa ser anunciada, mesmo que ele tenha a chamado até aqui.

— Boa tarde, Roger.

— Lila, querida. Como você está?

— Estou bem, e você? — Já aprendi que chamá-lo de senhor é a maior ofensa que posso cometer contra ele e sempre evito.

— Muito bem. Soube que o Arthur esteve aqui. Resolveram todas as pendências do sistema?

— Sim, apontei tudo que achei necessário.

— Ótimo. Você gostou dele?

Não. Odiei-o. Homem insuportável. Tire-me do sério que nem sei explicar. Tão lindo e cheiroso que dá vontade de bater.

Foco, Dalila.

— Achei-o muito profissional. Depois das questões que discutimos hoje, acredito que o

sistema vai ficar muito bom.

— Legal. Queria ver se você pode encabeçar a fase de testes. Quero apenas algumas pessoas usando, para vermos se funciona.

— Claro. Posso escolher as pessoas ou você prefere fazer isso?

— Fique à vontade, Dalila. Sabe que confio no seu trabalho. Sempre confiei.

— Obrigada, Roger. Pode deixar que vou dedicar um tempo extra para esse projeto.

Não sou de reparar muito. Conheço este homem aqui na minha frente há tantos anos que em algum momento parei de percebê-lo. Suas cantadas discretas. Sua aparência. Tudo. Apenas ignoro, assumo meu semblante profissional e foco nisso. Mas não posso mentir sobre o fato dele ser bonito.

Mesmo com a sua idade já transparecendo nos pequenos fios brancos do cabelo bem penteado e as leves rugas querendo surgir em sua pele, tudo que vejo nele é um homem maduro. Às vezes me pergunto o que um homem destes está fazendo sozinho no mundo. Será que é incapacidade de confiar em alguém? Porque não é novidade para ninguém que metade das mulheres que o conhece já chegam abrindo as pernas, nem tentam esconder o

interesse descarado. Mas algumas se salvam, e nessas algumas já deve ter surgido pelo menos uma que tenha despertado seu interesse.

Ele não fala mais nada, apenas permanece olhando-me sem vergonha, todo descarado. Mas seus olhos permanecem nos meus, sem descer um milímetro sequer para o meu corpo. Homem descarado, mas respeitoso. Decido que nossa conversa acabou e começo a me retirar.

— Dalila, espera.

Ele suspira pesadamente. Apoia os cotovelos em sua mesa e esfrega os olhos.

— Sim?

— Te chamei aqui por outro motivo, na verdade. Gostaria de conversar contigo sobre uma coisa que vem me incomodando.

— Claro. É algo que eu fiz, ou a respeito de algum outro funcionário? — Sou sempre direta com ele porque sei que gosta. Sem enrolações.

— Não é nada de trabalho, Dalila. É algo mais pessoal.

— Ah. Tudo bem. Tem relação com o evento de sábado?

Ele acena negativamente e me pergunto o que esse homem quer conversar comigo? Seria

algum conselho amoroso? Mal sabe ele que não sou uma boa recomendação para tratar desse assunto. Fujo de relacionamentos faz tempo.

— Podemos nos encontrar mais tarde? Prefiro não ter essa conversa aqui na empresa.

Por mais que Roger sempre demonstre seu carinho por mim, com os elogios sutis, as cantadas discretas, ele nunca chegou ao ponto de realmente tomar uma atitude. Acho que porque eu sempre deixei clara minha falta de interesse. Um convite deste tipo nunca foi feito por ele, o que me deixa apreensiva agora. Algo mudou?

Por mais que eu não queira aceitar, estou curiosa para saber o que ele vai falar. Mesmo que não estivesse, recusar um convite do meu chefe pode ser encarado de forma errada e acabar ferrando comigo. Uso isso como desculpa para aceitar a loucura de me encontrar com este homem mais tarde, em um pub nível classe alta que tem aqui perto.

Volto para a minha sala com os pensamentos meio longe. Acho que alguém me chamou, mas nem percebi. Ou fingi não perceber, porque vontade não tenho para lidar com mais nada hoje. O dia já foi muito intenso assim. Quando me

sento em frente à minha mesa, lembro do outro problema que deixei pendente.

A carta.

Quando vi o remetente dela, mais cedo, já sabia que ia ser dor de cabeça. Gostaria de poder fingir que não a recebi e jogá-la fora, ou então passar a responsabilidade para outra pessoa. Mas não posso. Respiro fundo e começo a descolar a aba do envelope, pensando o que meu querido irmão deve ter aprontado desta vez.

Ele nunca me manda mensagem, nunca me liga, nunca envia um e-mail. Só tenho notícias suas através de cartas que são remetidas sempre de cidades diferentes. O conteúdo delas sempre tem a mesma finalidade: me pedir ajuda.

Esse é outro grande motivo de eu não conseguir economizar dinheiro. Quando estou finalmente melhorando, lá vem o irresponsável do Felipe falar que se meteu em alguma enrascada e precisa de dinheiro para se resolver. Como sei que meus pais perderam a fé nele faz tempo, acabo não tendo coragem de deixá-lo na mão também, mesmo sabendo que deveria.

Leio o conteúdo da carta duas, três vezes até conseguir absorver tudo. Desta vez, ele usou um

computador para digitar, o que é curioso, porque nunca que isso aconteceu antes. Vinha sempre um papel usado com seus garranchos rabiscados nas partes em branco, o que tornava difícil encontrar um sentido em suas palavras. Desta vez o pedido de socorro veio claro e direto. Ele nem tenta mais se justificar, só fala que fez merda e precisa de grana. Ainda pego esse irresponsável de uma figa e dou uma bela lição de moral nele.

Respiro fundo algumas vezes, pensando na quantia de dinheiro que ele precisa. “Perdi num jogo de cartas e estou devendo uma grana alta. Eles vão me espancar até a morte se não pagar. Me deram sete dias.”

Sete dias. Sendo que já fazem quatro que a carta foi enviada. O que significa que tenho três dias para arranjar todo esse dinheiro, que equivale a um ano de salário meu, e depositar em sua conta.

Acontece que não tenho todo esse dinheiro não. Ainda não descobri como fazer sair dinheiro da torneira. Ele surtou ao me pedir isso? O que faz Felipe pensar que vou ter condições de ajudá-lo?

Eu sei que não deveria me preocupar, que ele não é minha responsabilidade. Nem fui eu que botei esse moleque no mundo, e a mulher que

botou já deixou de se importar faz tempo. Mas eu não duvido de suas palavras quando afirma que vão matá-lo se não quitar a dívida. Ele extrapolou desta vez.

Respiro fundo, tentando controlar a crise de ansiedade que está prestes a me invadir. Não tenho outra escolha senão ligar para os meus pais. Não sou obrigada a encarar isso sozinha. Sempre tentei acobertar meu irmão, na época em que meus pais ainda tinham esperanças de que ele ia melhorar. Sempre que vinha me pedir socorro, eu me esforçava para ajudá-lo sem recorrer ao papai e a mamãe. Até que não consegui mais, e foi aí que tudo desandou.

Dona Luciane começou a entrar em depressão vendo o filho se perder dessa forma, até que Felipe decidiu ir embora de casa. Nessa época, eu já tinha fugido fazia um tempo. Não pensei duas vezes quando surgiu vaga para trabalhar aqui na *Business*. Saí correndo do interior de São Paulo, peguei todas as minhas economias e aluguei o apartamento mais barato que encontrei. Dei sorte de conseguir crescer depressa aqui dentro. Confesso que muito eu devo ao Roger. Não fosse ele ter gostado de mim desde o começo, eu não

estaria aqui onde estou hoje.

Quando o senhor Américo, meu pai, percebeu o fundo do poço que mamãe estava atingindo, decidiu tomar atitudes bem drásticas. Lembro até hoje da ligação que recebi, na qual ele afirmou sem pestanejar que não iria mais ajudar Felipe, e que eu não deveria também. É óbvio que não tive forças que nem meus pais para lagar o menino sozinho no mundo. Cada vez que ele me pedia ajuda, eu cedia um pouco mais. Até desistir de tentar consertá-lo e apenas depositar a quantia requisitada sem nem me dar ao trabalho de responder às suas cartas.

Não sei o que fazer agora. Seguro o telefone em minhas mãos, com o número da casa de meus pais pronto para ser discado, mas sem ter coragem de apertar o botão. Não vou conseguir lidar com tudo isso sozinha, mas tampouco quero ter que recorrer a eles.

Ouço alguém bater à porta e estou prestes e tacar meu sapato em sua direção quando escuto a voz de Bianca chamando-me. Menos mal, porque estou com paciência zero para mais problemas hoje.

— Oi, Lila. Está ocupada?

Escondo a carta embaixo de alguns papéis discretamente enquanto digo para ela entrar. Percebo a preocupação em suas feições, o que me faz pensar que a Tânia já conseguiu espalhar sobre a nova carta que recebi.

— Então você já sabe — digo enquanto deito a cabeça para trás, até apoiá-la completamente na minha cadeira.

Bianca vem ao meu encontro, puxando-me para ficar de pé, e me enlaça em um abraço apertado.

— Quanto ele pediu dessa vez?

Não consigo falar. Sentindo seu abraço carinhoso e a pena em sua voz, não aguento e desabo em lágrimas. Tampo o rosto com as mãos, apoiada em seu ombro. Sinto meu corpo chacoalhar com os soluços involuntários que deixo escapar.

— Ah, amiga, é tão ruim assim?

Bianca me afasta um pouco e tira minhas mãos de meu rosto, olhando diretamente em meus olhos. Ela seca algumas lágrimas que escorrem pela minha bochecha, mas é em vão, porque muitas outras caem em seguida. Limito-me a acenar com a cabeça, mostrando que ouvi sua pergunta, mas sem condições de respondê-la.

— Eu tenho algumas economias. Posso te ajudar.

Tento falar que não é suficiente, que ela não tem noção de quanto dinheiro ele precisa, mas as palavras não saem. Mesmo assim, ela compreende. Vejo sua cabecinha trabalhando para tentar arranjar alguma solução, até que algo surge. Percebo Bianca meio reticente em falar sua sugestão, até que me entrega a solução mais óbvia.

— Roger?

Não posso. Balanço a cabeça de um lado para o outro freneticamente, tentando falar sem dizer que de jeito nenhum vou pedir a ajuda dele. Eu sei que Roger não ia pensar duas vezes, sequer ia me questionar para que preciso do dinheiro. Se visse meu desespero agora, na verdade, não duvido de que ele me daria acesso à sua conta bancária sem hesitar.

Nos sentamos no chão, as duas com as costas apoiadas no armário que fica no canto da sala. Deito a cabeça nos ombros da Bia enquanto ela afaga meu cabelo, tentando me consolar sem palavras, porque sabe que não há muito que possa ser dito.

Eu preciso deste momento. Choro até

parecer impossível restar alguma gota de água em meu corpo, então choro mais um pouco. Quando sinto que não tenho mais forças para chorar, pego um lenço que sempre carrego na bolsa e tento limpar meu rosto, que deve estar todo borrado de rímel.

Bianca se limita a me fazer uma companhia silenciosa que acho muito agradável. Ela sabe do que eu preciso agora, e me dá exatamente isso.

Quando termino de limpar o rosto e decido me levantar, pego o copo de água que está na minha mesa e tomo tudo de uma vez só.

— Até quando ele precisa desse dinheiro?

— Daqui três dias.

— Cacete, Lila.

Surpreendo-me com o palavrão saindo da boca de Bianca. Ela é sempre tão contida e certinha que se em todo esse tempo a ouvi falar palavrão duas vezes, foi muito.

— Estou ferrada, Bia. Não sei o que fazer.

— Pensou em falar com os seus pais?

— Não quero dar mais esse desgosto para eles. E outra, meus pais estão aposentados, o dinheiro que ganham com aquele mercadinho é o suficiente para passar o mês só. Eles não vão

conseguir ajudar.

Ela consente em silêncio. Ela sabe.

— Às vezes penso se não seria mais fácil se ele estivesse preso. Com o histórico de coisas ilegais que ele já fez, uma denúncia seria suficiente pra polícia o levar. Não é uma vida muito agradável, mas as chances de ele morrer são menores.

— Não sei, amiga. Essas histórias que a gente houve que os bandidos são perseguidos até na cadeia...

Desabo na cadeira e deito com a cabeça apoiada na mesa, segurando-me para não exteriorizar em um grito toda a raiva que sinto agora.

— Estou enlouquecendo, né? Pra chegar no ponto de pensar em mandar meu irmão pra cadeia...

— Claro que não! Olha tudo que ele faz você passar, isso é tão injusto!

Bianca me abraça mais uma vez, até eu resolver que ficar aqui lamentando-me não vai resolver problema nenhum. Tomo a liberdade de ir embora mais cedo da empresa hoje. Aviso à minha secretária que preciso resolver algumas coisas e que

PERIGOSAS NACIONAIS

não vou mais voltar. Minha intenção é ir para casa, tomar um banho e tentar colocar as ideias no lugar, mas minhas pernas começam a fazer um percurso diferente, indo em direção ao prédio de Arthur.

Não raciocino muito e quando vejo estou subindo o elevador até o seu apartamento. Tinha uma senhora entrando no prédio bem quando cheguei, e tomei a liberdade de subir sem interfonar. Quando estou parada em frente ao apartamento 1004, penso na possibilidade de ele não estar em casa, mas dou de ombros e aperto a campainha. Escuto alguns barulhos e sei que tem gente.

Arthur escancara a porta com um semblante irritado no rosto, mas logo altera sua expressão de raiva para confusão.

— Dalila?

— Esse é o meu nome — respondo malcriadamente.

— Aconteceu alguma coisa?

Tudo. Absolutamente tudo. Mas não vim aqui para conversar. Decidi que Arthur pode ser uma ótima distração, que é exatamente o que estou precisando agora.

— Resolvi te fazer uma visita, não posso?

PERIGOSAS ACHERON

Tomo a liberdade de ir adentrando seu apartamento, mesmo ele ainda não tendo me convidado. Sento-me em seu sofá e o chamo com o dedo, provocando.

— Pode, só não esperava. Lembrou de alguma coisa que quer acrescentar no programa?

— Nadinha.

Espero-o se aproximar para segurar suas mãos, puxando-o para que se sente ao meu lado. Vejo a surpresa estampada em seu rosto e gosto disso. De repente, me sinto ousada e sem escrúpulos. Passo a mão pelo seu braço demarcado pela camiseta justa e não resisto em lambar os lábios.

— Está tudo bem, Dalila?

Ele parece preocupado e fica apreensivo quando me aproximo mais, tentando acabar com o pouco espaço entre nós. Pela forma como ele agiu comigo das últimas vezes que nos encontramos, achei que Arthur não pensaria duas vezes para aproveitar a chance que estou dando. Jurava que sua vontade era de me agarrar hoje mais cedo na minha sala. O que mudou?

Franzo as sobrancelhas ao perceber que ele não faz nada, apenas me olha estranho enquanto

mantém suas mãozinhas bem longe de mim. Bufo irritada ao entender que ele não vai tomar uma atitude.

Levanto-me de supetão e vou em direção à sua cozinha, pegando uma cerveja na geladeira e entregando para que ele a abra.guardo impaciente até ele entender o que quero, e o faz sem me questionar.

Volto a me sentar ao seu lado, praticamente virando a bebida inteira e arrependendo-me logo depois quando me sinto estufada e com vontade de arrotar.

— Podemos conversar agora?

Não, seu doido. Será que ele é cego ou só se faz? Tudo que eu menos quero agora é conversar. Preciso enxotar os pensamentos que me invadem, nem que seja por pelo menos alguns minutos. Não sei por que achei que ele seria capaz de me ajudar com isso.

Reviro os olhos, bufo mais uma vez e me levanto, pegando a bolsa que devo ter largado no chão da sala quando entrei. Quando estou prestes a abrir a porta para ir embora, ele me segura pelo braço, virando meu corpo em sua direção. Ele coloca as duas mãos em meus braços, logo acima

do cotovelo, impedindo-me de sair do lugar.

— Dalila. Algo não está certo aqui.

Tento olhar para os lados para não precisar encarar esses olhos castanhos que me questionam. Ele me chacoalha de leve, tentando ganhar atenção. Desisto de lutar contra e olho para ele. Seu rosto preocupado, as sobrancelhas franzidas, a confusão completa. Ele volta a falar comigo quando entende que não vou dizer nada.

— Não te conheço muito bem, mas sei pelos poucos momentos que passamos juntos que algo está muito errado. O que aconteceu? Posso te ajudar?

Aperto meus lábios um contra o outro, tentando engolir o soluço que quer escapar. Confesso que estou perdida. Não sei o que fazer, não quero pedir ajuda para meus pais, nem para o Roger. Queria poder esquecer tudo isso, me enfiar em uma bolha e fingir que nada de errado está acontecendo.

Acho que as lágrimas começam a invadir meus olhos, porque ele me puxa para um abraço meio desengonçado. Acabo entregando-me ao seu colo imprevisível, mas seguro o choro. Sinto seu corpo começar a se familiarizar com o toque e

Arthur toma a liberdade de afagar minhas costas, aumentando a pressão do abraço confortante.

Não sei dizer por quanto tempo ficamos assim, trocando esse abraço estranho, mas ao mesmo tempo tão gostoso. Por alguns minutos, permito-me sentir que está tudo bem. Como se o carinho desse homem fosse suficiente para curar tudo que está errado comigo.

— O que posso fazer para te ajudar, Dalila?

Ele afasta um pouco nosso abraço para conseguir encarar meus olhos.

— Nada. Desculpa por esse chilique todo, já vou indo.

Ele não deixa eu me desvencilhar de seus braços. Arthur consegue me segurar no lugar com uma das mãos em minha cintura, enquanto a outra sobe para o meu rosto, afagando minha bochecha. Fecho os olhos com o toque gentil.

— Que tal um filme e pipoca? O que você gosta de assistir?

— Não posso. — Balanço a cabeça, para reforçar minha negativa, mas também tentando espantar as lembranças do problema que preciso resolver.

— Por que não?

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele não consegue entender. Eu sei, estou confundindo o pobre do homem. Ele parece realmente querer compreender o que está acontecendo, mas não estou inclinada a falar.

— Preciso ir. A não ser que você esteja disposto a me dar o que eu vim buscar. — Deixo escapar um sorriso travesso, tentando enganar a mim mesma, mas enganando a ninguém.

— Dalila. Não sei que jogo é esse, mas você não é você agora. Me deixa te ajudar.

— Eu não preciso de ajuda, Arthur.

Ele pragueja baixo.

— Garota teimosa.

Suas mãos me soltam completamente, dando-me a permissão que eu nem precisava para poder sair daqui. Não perco a chance e saio feito um furacão pela porta, trazendo à tona a lembrança da outra vez que estive aqui, em que o motivo de minha raiva era algo milhões de vezes mais agradável.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO *seis*

Roger

Dalila está atrasada. Sei que foi um risco convidá-la para me encontrar aqui, mas o assunto em questão não poderia ser discutido na empresa. Não posso correr o risco de alguém conhecido nos ouvir, ainda mais porque não sei qual será sua reação.

Ela já sabe de tudo, isso não há dúvidas. Minhas investidas desde que nos conhecemos e todas as promoções que fiz questão de lhe dar deixaram mais do que claras as minhas intenções. Mas Dalila é teimosa e resistente. E me deixa mais louco por ela cada vez que se faz de difícil para cima de mim.

Estou beirando os quarenta e cinco anos e
PERIGOSAS ACHERON

não posso continuar vivendo dessa forma. Preciso arranjar uma mulher, casar e ter filhos. Mas sei que Dalila não é essa pessoa. Então tudo que preciso agora é ter a certeza de que ela não quer nada comigo, para ver se tomo uma atitude e sigo com a minha vida de uma vez por todas.

Quem me vê de longe não imagina que o dono da *Business Magazine* sofre de amor não correspondido pela sua funcionária. Se alguém desconfiar disso, minha reputação está acabada. Agradeço todos os dias por Dalila não ficar fazendo gracinhas por aí por causa disso, mulher correta do caramba. Só enche ainda mais meu peito de orgulho pela profissional competente, respeitosa e incrível que ela é.

Respiro aliviado quando, após quase meia hora de atraso, Dalila surge pelas portas do pub. Ela não está mais usando as roupas sociais de mais cedo, mas sim um par de tênis, jeans rasgados e uma camiseta toda branca. O cabelo está molhado e o rosto aparentemente sem muita maquiagem. Mesmo assim, simples, ela consegue ser bonita. E ela nem tenta.

Quando se aproxima, vejo algo estranho. Seu rosto parece inchado, as olheiras profundas, os

olhos vermelhos. Algo está muito errado.

Levanto-me rapidamente para cumprimentá-la com um beijo no rosto, convidando-a para se sentar comigo logo em seguida. Dalila mal encara meus olhos, mantendo o rosto baixo enquanto murmura para o garçom trazer uma bebida para ela. Essa não é a mulher que eu conheço.

— Dalila. — Espero que ela me olhe para continuar falando. — Aconteceu alguma coisa?

Vejo seu rosto pensativo, como se estivesse tentando decidir entre ficar quieta ou compartilhar comigo.

— Nada que valha a pena ser comentado. Podemos ir direto ao ponto? Estou cansada, gostaria de ir pra casa o quanto antes.

Ela perdeu completamente sua postura. Dalila nunca me trata dessa forma. Sempre age da forma mais educada possível, nada comparado com suas atitudes de agora. Com ela nesse estado, não tem nem cabimento eu querer falar dos meus problemas.

— Podemos adiar essa conversa, se preferir.

Ela demora a responder, porque bem na hora que estou falando o garçom lhe entrega um

PERIGOSAS NACIONAIS

drink, do qual ela toma alguns bons goles de uma só vez.

— Pode falar. — Ela se limita a pedir, antes de voltar a beber.

— Claro. Não me sinto confortável em compartilhar o que tenho para te dizer enquanto te vejo nesse estado, mas se é assim que você quer...

Dou de ombros, dando a chance de ela desistir e me pedir para conversarmos outro dia.

— Fale de uma vez, Roger.

— Eu gosto de você, Dalila.

— Eu sei.

E eu sei que ela sabe.

— E é por isso que não quero tratar de nada mais além do que está te incomodando agora. Fale comigo, por favor.

Tomo a liberdade de segurar suas mãos que até então seguravam o copo de bebida. Trago-as para mais perto de mim, sem tirar os olhos dela e de todo o sofrimento que vejo em seu rosto.

— Não quero, Roger.

— Eu posso te ajudar de alguma forma?

Ela reluta, permanecendo em silêncio. Por alguns instantes, tenho a impressão de ver dúvida em seu olhar. Talvez eu realmente possa ajudar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Posso? — insisto. — Me diga, faço o que for necessário.

— Eu preciso de dinheiro. — Ela suspira, puxando as mãos de volta para si e escondendo o rosto com elas.

Tento raciocinar o que levaria essa mulher a sofrer desse jeito por causa de dinheiro. Penso no quanto ela ganha e no quanto deve gastar com as contas do mês, mas não vejo problema nenhum ali. Mesmo assim faço uma nota mental para revisar seu salário.

— Tudo bem. De quanto?

Resolvo confiar nela mais uma vez e não hesito em oferecer o que ela precisar. Qualquer coisa.

— É muito dinheiro, Roger. Não tem cabimento te pedir isso.

— Me sinto até ofendido se você acha que não tenho suficiente para te ajudar.

— Eu sei que tem. Mas sei também que o mínimo que vou te dever é uma explicação, mas não quero explicar.

— Então não explique. Me dê um número e resolvo essa questão, primeira coisa amanhã cedo.

Ela volta a se calar, encarando o tampo da

PERIGOSAS ACHERON

mesa de madeira na qual estamos.

— Oitenta mil.

Ela fala a quantia bem quando estou tomando um gole da minha cerveja, e preciso me controlar para não me engasgar. É bastante dinheiro mesmo. Não que seja um problema para mim, mas é muito dinheiro para se dar sem ao menos receber um motivo.

Aceno com a cabeça para que ela saiba que eu ouvi, mas permaneço pensativo. O que ela fez para precisar de tudo isso de repente?

— Estará em sua conta amanhã de manhã, ok? — Afirmo, tacando o foda-se no bom senso, aceitando que ficaria de quatro por essa mulher sem pensar duas vezes.

— Sei que é demais te pedir isso, Roger. Sei que estou abusando de sua bondade comigo, mas não achei outra solução.

Sua voz falha em alguns momentos, mas ela tenta seguir firme sem chorar. Minha vontade é ir até Dalila e abraçá-la, mas me forço a permanecer no meu lugar. Vou ajudá-la como ela quer.

— Não se preocupe, querida.

Quero pedir para ela conversar comigo, me dizer qual o problema, o que a incomoda tanto a

ponto de quase não conseguir segurar suas lágrimas. Mas sei que não temos essa intimidade. Ela nunca me deu isso, mesmo eu tendo pedido tantas vezes.

Dalila termina o resto de sua bebida em um gole só e murmura algo sobre me pagar tudo de volta algum dia.

— Não estou em condições de lidar com mais nada hoje, Roger. Sinto muito.

— Sem problemas, Lila. Quer que te acompanhe até em casa?

Minhas intenções são completamente puras, mas sei que ela não vai enxergar assim. Dalila dispensa com um aceno de mãos, despedindo-se de mim com um abraço inseguro.

E assim como ela chegou, ela também se foi. A intensidade de seus sentimentos transbordando pelos olhos, algo que não estou acostumado a presenciar. Dalila nunca será minha. Eu sei disso agora. Não é do meu colo que ela precisa para confortá-la. Apesar de eu me esforçar para fugir de todas as mulheres que me procuram pelo interesse no meu dinheiro, não hesito quando é Dalila quem me pede. Estou perdido por ela, mas finalmente consigo aceitar que o que eu quero

PERIGOSAS NACIONAIS

nunca irá acontecer. Está na hora de superar Dalila.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO *sete*

Arthur

A semana foi tão agitada que surpreendo-me quando acordo e vejo que já é sexta-feira. Passei a noite inteira preocupado com Dalila. Tentei falar com ela por e-mail, sentindo a todo momento o arrependimento de não ter anotado seu número de celular. Não que ela tenha oferecido, mas eu deveria ter perguntado.

Ela saiu do meu apartamento ontem tão conturbada que fiquei preocupado que fosse cometer alguma loucura. Não consigo ainda decifrar o que vi em seus olhos e em suas atitudes. Pelo pouco tempo que passei com ela, sei que Dalila não é assim. Por isso a primeira coisa que

faço quando levanto é passar na cafeteria a caminho do seu trabalho e lhe comprar um *latte*, torcendo para papá encontrá-la em sua sala.

Quando anuncio para a secretária que não, não tenho reunião marcada com a senhorita Dalila, mas sim, tenho certeza que ela irá me receber, recebo uma careta de reprovação da garota ruiva. Mesmo assim, ela pega o telefone e tenta ligar para a sala dela, demorando algum tempo até alguém atender. Mas não parece que foi a Dalila.

— Senhor Nogueira, Dalila não está em sua sala. Sinto que não vai ser possível falar com ela agora.

— Moça, por favor. Avisa a secretária dela que é muito importante, eu nem me importo de esperar.

Insisto mais um pouco até ela reclamar, mas mesmo assim retornar a ligação, solicitando que eu possa aguardá-la em sua sala.

Finalmente consigo permissão, e novamente quem me acompanha elevador acima é a Tânia. Já percebi que ela e Dalila não são melhores amigas, bem pelo contrário.

— Mais reunião de negócios, Arthur?

Não estou com humor para papo furado

hoje, só quero que os números no visor do elevador subam rapidamente.

— Sim. — Limito-me a responder. Vejo pelo canto de olho que ela não gosta da resposta.

— Sabe, não sei se Dalila vai atender o senhor. Ouvi algumas conversas por aí que ela andou brigando com o senhor Cavalcante.

Estranho. Mas talvez isso explique sua reação ontem. Só gostaria de entender por que brigar com o chefe mexeu tanto com ela, a dor que exalava de seus olhos não parecia ser devido a uma briga no trabalho.

Quando finalmente chegamos ao terceiro andar, falo para Tânia que não precisa me acompanhar, mas ela ignora e segue ao meu lado, tentando puxar algum assunto que ignoro. Percebo sua mão tocando-me de vez em quando, como se buscasse minha atenção. Paramos de frente para a secretária de Dalila, que me olha irritada, mas não deixa de ser educada.

— Bom dia, senhor Nogueira. Dalila não se encontra no momento, mas não deve demorar. Você pode aguardar aqui no sofá se quiser.

Não consigo evitar perceber que Giovana e Tânia não se cumprimentam. Na verdade, sequer se

olham.

— Certo, obrigado.

Ela volta sua concentração para alguma pilha de papéis em cima da sua mesa, e eu me sento no local indicado, agradecendo quando Tânia vai embora sem falar mais nada.

Não demora muito para Dalila aparecer no corredor, caminhando em direção da sua sala. Quando ela se aproxima e me vê, já agilizo e me levanto para cumprimentá-la, mas ela me fuzila com os olhos e chega apontando os dedos contra meu peito.

— Você! Seu filho de uma mãe!

Acabo desequilibrando-me e caindo sentado no sofá, enquanto ela continua xingando-me em alto e bom tom, o que chama atenção de todo o andar. Giovana tenta acalmá-la, mas Dalila não quer ouvir ninguém.

Ela desiste de me confrontar e passa as mãos pelo cabelo, fechando os olhos em uma irritação profunda.

— Dalila, o que aconteceu? — pergunto preocupado, porque realmente não sei qual o problema.

Levanto-me novamente para tentar puxá-la

para dentro de sua sala, porque a cena está ficando boa demais para todos que assistem fofocarem mais tarde. Mas quando menos espero, ela me acerta com um belo de um tapa no rosto.

— Sabe, *Arthur*, quis fazer isso desde o dia que te conheci. Agora posso dizer que tenho todos os motivos do mundo, e não é mentira.

Sua boca está cerrada e ela fala as palavras com tanto ódio que não entendo. Não fiz nada para magoá-la. Acabo ficando irritado, também, com o choque do tapa no meu rosto, que agora arde porque essa mulher tem força no punho e ninguém me avisou.

Ela sai em direção à sua sala, mas não a deixo fechar a porta na minha cara. Seguro-a para conseguir entrar e a fecho atrás de mim.

— Sai daqui!

Ela berra enlouquecidamente, agora chorando lágrimas que imagino serem de raiva e não mais de tristeza, como ontem. Começa a me esbofetear com tapas fracos em meu peito, até que perde as forças completamente e desaba de joelhos no chão, tampando o rosto com as mãos, chorando.

Abaixo-me para tentar abraçá-la, esperando que vá se acalmar. Ela tenta me afastar

fervorosamente, até que venço a guerra e a enlaço em um abraço bem forte, temendo que ela escape a qualquer momento.

— Dalila. Não sei o que aconteceu, não consigo imaginar um motivo sequer para você me dirigir todo esse ódio. Vamos conversar.

Não deveria me importar tanto com uma mulher louca que chega xingando-me e culpando-me por algo que nem faço ideia, sem antes ao menos tentar conversar comigo. Mas me importo. Já passei duas noites em claro essa semana por causa dela, mas parece que o drama ainda não acabou. Minha consciência diz que é mais fácil me afastar e deixar toda essa loucura para trás, mas não quero. Preciso entender o que aconteceu.

— Por que você fez isso?! — Ela consegue falar baixo, mas ao mesmo tempo transparece todo o ódio do mundo. Não sei do que ela está falando, e é exatamente isso que digo.

— Você está se fazendo de doido, Arthur?

— Não! Você que está. Não sei o que aconteceu e a única coisa que te peço é pra me explicar, porra!

A paciência foge de meu corpo e ela se contrai com minha reação. Mas já estou cansado de

toda essa maluquice, nem parece que somos dois adultos maduros o suficiente para conversarmos e colocarmos todos os pingos nos “is”.

— Então me diz por que meu chefe acabou de me chamar para me repreender por ter inventado um apelido para ele. Me diz como ele sabe que eu o chamo de Cavalchato.

Fico sem reação. Eu sei do que ela está falando, mas não faz sentido nenhum. Eu esqueci disso no momento em que saí de sua sala ontem, é claro que não contei para ninguém. Não tem cabimento essa acusação.

— Não fui eu, Dalila. Não sei como ele sabe, mas garanto que não fui eu.

— Só pode ter sido!

— Para de apontar dedos, Dalila. Você nem sabe. Me diz, eu sou o único que sabia desse apelido besta?

Ela arregala os olhos, até que volta a si, balançando a cabeça e afirmando que sim, sou o único que daria com a língua nos dentes para ferrar com ela.

— E por que eu faria isso? Por que iria querer te ferrar?

— Eu sei lá! Me diz você!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quer saber, Dalila? Você está surtada. Eu não fiz nada e não vou ficar aqui aceitando xingamento de graça. Dá licença.

Levanto-me da cena ridícula em que estamos, os dois ajoelhados no chão, eu segurando suas mãos, que agora desistiram de me bater. Mas então ela me segura pela canela, impedindo-me de andar, e pede que eu espere.

— Desculpa, Arthur.

Ela me solta quando vê que vou fazer o que me pede, e Dalila tenta se levantar, falhando miseravelmente. Estico as mãos para ajudá-la a se colocar de pé. Ela me olha entristecida.

— Queria acreditar que foi você, porque a única outra pessoa que sabe desse apelido é minha melhor amiga, Bianca.

Ela fecha os olhos e apoia a testa em meu peito. Nem percebi em que momento ela tirou os saltos do pé, porque está descalça agora, o que a deixa bem mais baixa que eu.

Puxo suas mãos para me abraçarem pela cintura e faço o mesmo.

— Tem certeza? Não consegue pensar em mais ninguém?

Ela balança a cabeça. Não.

PERIGOSAS ACHERON

— Nem sei o que dizer, Dalila. Não fui eu, mas não faz sentido que sua amiga tenha feito isso contigo. Você não perguntou para ele?

— Não. Já estava envergonhada o suficiente. E o pior de tudo...

Ela nunca finaliza sua frase.

— O quê?

— Nada.

— Fala.

— É que... O Roger ia me ajudar com uma coisa. Na verdade, apesar de toda sua mágoa, ele ainda vai me ajudar, e eu nem mereço.

Continuo abraçando Dalila, sem insistir mais no assunto. Não sei o que aconteceu ontem com ela, mas parece ser uma situação complicada. Não quero forçá-la a nada.

Alguém bate à porta e nos desvencilhamos rapidamente. Ela mal espera Dalila responder para já ir entrando, abraçando a amiga.

— Amiga, eu fiquei sabendo do que aconteceu.

— Ah, Bianca, foi horrível. Me sinto péssima.

— Eu sei. E o pior de tudo é pensar que foi tudo culpa daquela desgraçada! — Bianca fala com

PERIGOSAS NACIONAIS

ódio na voz, apesar de ainda não sabermos a quem ela se refere.

— Como assim? — Eu e Dalila perguntamos ao mesmo tempo.

Ela olha para mim, aparentemente percebendo só agora a minha presença na sala.

— Você não sabe? — Ela volta a olhar para a amiga. Quando Dalila acena que não, Bianca continua. — Tânia. Foi ela que contou para o Roger. Engraçado que nem sei como ela pode saber disso...

De repente tudo se torna muito óbvio.

— Ela veio te entregar aquela carta ontem... — começo.

— Foi logo depois de eu falar do apelido dele pra você... — Dalila continua.

— A desgraçada deve ter ouvido por trás da porta! — finalizo nosso pensamento.

— Que vaca! — Dalila explode.

— Como é que é? — Bianca está absolutamente perdida no nosso chique.

Não tenho nem tempo de explicar quando Dalila sai porta afora em disparada. Ah, não. Corro atrás dela logo em seguida, agradecendo por ter pernas maiores e ágeis. Seguro-a pelo braço e tento

PERIGOSAS ACHERON

colocar alguma razão em seus pensamentos. Se ela pensa que confrontar Tânia é a melhor coisa a se fazer agora, ainda mais na frente de todos os funcionários da revista, ela está doida.

— Arthur, não vou suportar olhar pra cara dela de novo sabendo do que fez.

— Dalila. Não adianta arranjar confusão agora. Esfria a cabeça e depois pensa no que fazer.

Fico mais algum tempo tentando argumentar para ela desistir dessa loucura, até que finalmente Dalila aceita e volta para a sua sala. Ela me pede para ficar sozinha, porque precisa pensar, mas em nenhum momento enxota Bianca também. Quando estou prestes a encostar a porta, ela vem até mim e fala baixinho.

— Te ligo mais tarde, tá bom? Desculpa por tudo.

— Podemos recomeçar mais uma vez. — Pisco para ela, que demonstra compreensão da brincadeira com um sorriso desanimado.

— Com filme e pipoca dessa vez? — ela pede.

— Acho uma ótima escolha.

É com o seu sorriso gravado em minha mente que saio do prédio da *Business Magazine*,

PERIGOSAS NACIONAIS

um pouco mais tranquilo do que quando entrei.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO *oito*

Dalila

— Por que você contou do apelido de Roger para *ele*?

É a primeira coisa que Bianca me pergunta quando ficamos sozinhas em minha sala. Com tantas coisas para me preocupar agora, tenho que justamente lidar com isso?

— Foi sem querer, Bia.

— Tá, mas... O que ele estava fazendo aqui? Ou melhor, *quem* é ele?

— Arthur.

Estou tão distraída com tudo que não percebo a exigência de uma explicação mais precisa, até mesmo porque Bianca não tem como

PERIGOSAS NACIONAIS

adivinhar quem é Arthur.

— Dalila.

Ela cruza os braços e bate o pé, até conseguir chamar minha atenção.

— Ele é o cara que está fazendo o programa da empresa. Estávamos discutindo essas coisas ontem, quando sem querer falei do apelido de Roger. Não sei, escapuliu.

— *Escapuliu?* Tais doida, Lila? Uma coisa dessas não pode simplesmente escapulir!

— Mas não achei que ele fosse fazer algo! Foi puro azar a Tânia estar ouvindo tudo.

— Tá, que seja. Agora já aconteceu, né? Precisamos pensar no que fazer.

— Não tem o que fazer, o Roger me odeia e ponto.

— Será que ele vai te demitir?

— Não sei, e nem quero pensar nisso.

Nem tive tempo para absorver toda minha conversa com ele mais cedo. Quando vi o Arthur em frente à minha sala, o sangue me esquentou de um jeito... Perdi completamente o controle, jogando toda minha raiva para cima dele, que no fim das contas nem tinha culpa de nada. Estou até envergonhada das minhas atitudes de ontem e hoje.

PERIGOSAS ACHERON

— Há algo que eu possa fazer?

Entendo que Bianca sente parte da culpa, afinal eu não alimentei esse apelido sozinha. Mas não posso correr o risco de colocar minha amiga na corda bamba também. Só não estou na rua *ainda* porque Roger possui um apreço muito grande por mim.

Não consigo acreditar que, mesmo após isso, ainda vi o Roger fazer a ligação para o banco na minha frente, solicitando a transferência daquela quantia toda de dinheiro. Fiquei boquiaberta e mal consegui agradecer. Suas palavras antes de eu sair da sala me partiram demais o coração. “Não esperava isso de você, Dalila. Não sei se estou mais decepcionado contigo ou comigo mesmo.” Eu estou decepcionada comigo. Definitivamente.

Peço licença para a Bianca, porque preciso ajeitar algumas coisas em minha vida antes de tentar me acertar com o Roger. Queria dizer que não preciso mais deste dinheiro, mas estaria mentindo.

Ligo para o meu irmão, sentindo um arrepio subir minha espinha quando escuto sua voz do outro lado. Há tempos que não o vejo ou que meramente trocamos algumas palavras.

— *Oi, maninha.* — Posso perceber o acanhamento em sua voz.

— Oi, Felipe. O assunto aqui é rápido.

Dói-me falar o que preciso dizer, mas decido ser rápida, sem muita enrolação que é para não deixar tudo ainda mais dramático. Falo para ele que vou mandar o dinheiro, mas com uma condição: que ele se entregue para a polícia. Ele vai admitir que anda participando de jogos ilegais e vai encarar sua sentença. Mas antes, vai ligar para papai e mamãe e contar tudo, porque não quero que esse peso sobre para mim. Eles são grandinhos e precisam encarar o fato de que seu filho se perdeu na vida. Minha esperança é que um dia Felipe saia da cadeia e se torne uma pessoa melhor.

Eu sei que esse fardo vai pesar em mim para sempre, mas alguém precisa colocar o garoto nas rédeas. Confesso que imaginei Felipe sendo mais resistente à minha proposta, mas ele apenas houve tudo em silêncio e concorda no final. Espero que ele cumpra com a sua palavra, porque não sei do que serei capaz se ele se meter em mais alguma encrenca. Com a minha consciência de botar meu irmão na cadeia até posso lidar. Agora, ter que chegar ao ponto de vê-lo morrer porque deixamos

essa besteira passar dos limites, não suportaria jamais.

Quando termino de resolver o primeiro problema, decido que está na hora de encarar Roger. Eu cometi um erro, magoei-o de uma forma que não merecia. Tudo que esse homem fez esses anos todos foi gostar de mim, se importar comigo e me ajudar. Preciso pelo menos reconhecer isso.

Subo até o quinto andar e estou prestes a passar direto por sua secretária, indo até a porta encostada da sala, quando a mulher me chama.

— Dalila, posso te ajudar?

Fico confusa por alguns instantes, mas compreendo tudo. É claro que não tenho mais liberdade para entrar em sua sala quando bem entender.

— Posso falar com o Roger?

— O senhor Roger está ocupado no momento.

— Por favor? Diga que sou eu.

Vejo a dúvida em seu olhar, até que ela desiste e liga para ele, informando que estou aqui. Não demora muito para desligar o telefone e me deixar entrar.

Não falo nada quando entro na sala. Vejo-o

digitando algo no teclado do computador e espero que me dê atenção para eu começar a falar. Sento-me em uma das poltronas de frente para ele e espero.

Espero mais um pouco.

E mais um pouco.

Respiro fundo, tentando controlar a impaciência que me consome. Até que finalmente ele se vira para mim, a mágoa estampada em seus olhos azuis.

— Diga, Dalila.

— Gostaria de me desculpar.

— Você já se desculpou.

— Não o suficiente, acredito.

Ele não responde nada, então continuo.

— Não há motivos que justifiquem o apelido, e por isso a única coisa que posso pedir é desculpas e prometer nunca mais falar de você assim. Mas nunca deixei de reconhecer sua bondade comigo, Roger. Você sempre foi uma ótima pessoa para mim, e até mesmo agora, quando eu menos mereço, você não deixou de me ajudar. O que a Tânia ouviu foi uma conversa por trás das portas, mas nunca usei o apelido com intenção de te ofender e humilhar. Sei que parece difícil de

acreditar, mas não falo com maldade. E também não saí espalhando por aí, preciso que saiba disso. Mas de qualquer forma, entendo que queira me demitir. Cometi um erro e vou aceitar as consequências.

Praticamente jogo todas as palavras para cima dele, mal conseguindo respirar. Roger parece absorver tudo o que falei e demora a responder.

— Não vou te demitir, Dalila.

O quê? Repito meu pensamento em voz alta.

— Estou chateado, sim. Mas não pretendo mandar embora uma das minhas melhores funcionárias. Infelizmente a pessoa errada ouviu a sua brincadeirinha e a fofoca se espalhou, e é claro que não vou deixar isso passar sem te punir. Mas não vai ser te demitindo que eu vou fazer isso.

Roger parece estar muito mais calmo do que hoje de manhã. Quando ele me chamou hoje mais cedo para a sua sala, achei que fosse para terminar nossa conversa de ontem à noite. E foi, também. Mas não esperava encontrar o homem enfurecido a ponto de ficar com lágrimas nos olhos. Não eram de tristeza, não. Conheço algumas pessoas que choram quando estão extremamente irritadas, e

PERIGOSAS NACIONAIS

parece que o Roger é uma delas.

— Muito obrigada, Roger.

Não tenho palavras suficientes para agradecer ao homem à minha frente por tudo que está fazendo por mim. A lista das minhas dívidas com ele só está aumentando cada vez mais. Espero que não esteja contando. Quero nem pensar em como vou fazer para quitar todo o dinheiro que ele me emprestou.

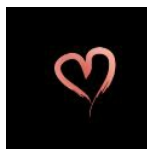
Ele se limita a concordar com a cabeça e mostra que o assunto está encerrado. Faço um último pedido antes de sair.

— Posso tirar o resto do dia de folga?

Sei que é quase um abuso pedir isso depois de toda a confusão, mas estou prestes a explodir com o misto de sentimentos que me consomem. Meu único desejo nesse momento é tomar uma boa dose da bebida mais forte que eu tiver em casa.

Roger olha para mim e sorri. Ele sorri, apesar da pessoa horrorosa que eu sou, e que agora ele sabe que sou. Como é que pode o homem ser tão calmo e pacífico? Fosse eu no lugar dele, já teria me chutado porta afora faz tempo, e ainda teria armado o maior barraco que o Brasil inteiro já viu. Autocontrole? Nem sei o que é.

PERIGOSAS ACHERON



Eu não mereço o carinho de ninguém.

Eu não mereço ser amada.

Eu não mereço ser cuidada.

Repito cada uma dessas frases enquanto me olho no espelho, o cabelo bagunçado, as roupas jogadas em algum canto no chão e o copo de whisky em minha mão. Apesar de saber que não mereço nenhuma dessas coisas, é tudo que preciso agora. Preciso de alguém aqui cuidando-me, amando-me e dando-me um colo.

Esforço-me muito para ser uma mulher autossuficiente. Tentei cortar o drama da minha vida faz tempo, mas cheguei à conclusão de que o drama sou eu. Eu não precisava estar nesse estado deplorável. Tento focar nesse pensamento para ver se algum pingo de animação invade meu corpo, mas nada acontece. Qual o problema do ser humano que insiste em sofrer desnecessariamente?

Levanto-me com a intenção de encher o copo de bebida, agora vazio, mas meu telefone tocando me distrai. Procuro-o no emaranhado de

PERIGOSAS ACHERON

coisas que joguei no chão do meu quarto, até que o encontro e me deparo com o nome de Arthur na tela. Como ele tem o meu número? Ah, claro, porque eu mandei mensagem para ele mais cedo, mas nem me preocupei de voltar para ver sua resposta.

— Alô?

— *Oi, Dalila?*

— Que foi?

— *Só liguei pra ver se ficou tudo bem.*

Tudo bem? Não está nada bem, mas vou fingir que sim, porque ninguém precisa sofrer comigo do meu drama particular.

— Ah sim. Tudo certo.

Ficamos em silêncio por alguns segundos. Não me importo muito, se foi ele que me ligou, ele que tem a obrigação de puxar conversa. Não é assim que funciona?

— *Queres fazer algo mais tarde?*

Quase esqueço que fizemos as pazes mais cedo. Estou prestes a dar uma cortada nele, mas decido por uma resposta mais comportada. A verdade é que preciso de uma companhia agora, e não me retraio nem um pouco com a ideia de que seja Arthur.

— Você está livre agora?

Quando ele responde que sim, que estará aqui em meia hora, desligo o telefone e corro para o banho. Estou a bagunça completa, sem contar a falta de discernimento que me invade por causa do tanto de álcool que já ingeri hoje.

Junto as roupas jogadas no chão, guardo a garrafa de whisky no lugar, e é quando estou ajeitando o lençol da cama que paro e penso. Rio sozinha com a minha cabeça doida, porque não faz sentido nenhum se preocupar em arrumar o quarto se não há chance nenhuma de que ele chegue a conhecer esse cômodo. Hoje não, pelo menos.

Tiro a toalha molhada do cabelo e agradeço aos céus por não ter problemas com isso. Meu cabelo natural é bonito e não depende de uma boa escovada para ficar apresentável. A hora que secar, vai apresentar algumas mexas levemente enroladas, mas nada feio ou preocupante. Olho para a maleta de maquiagem, mas acabo descartando a ideia quando penso que não faz sentido me arrumar para ficar em casa.

Estou prestes a abrir a geladeira para ver se tenho algo bom a oferecer quando ouço o interfone. Atendo e já aperto o botão para liberar sua entrada,

sentindo de repente um nervoso diferente. Gostoso. Depois de toda a loucura envolvendo meu irmão e meu chefe, está na hora de um pouco de diversão. Mas essa diversão está causando-me uma empolgação fora do normal.

Tento decidir se o espero com a porta já aberta, mas fico tanto na dúvida que a vida decide por mim. Arthur toca a campainha e logo atendo, convidando-o para entrar.

Reparo em muitas coisas quando abro a porta. Seu sorriso de lado que aparece quando me dá oi, seu cabelo úmido, a barba mais aparada do que nos outros dias em que o vi. Arthur me cumprimenta com um beijo no rosto e logo estamos sentados no sofá da minha sala. Parece até estranho estarmos aqui, juntos, por completa vontade de ambos, e não por algum acaso da vida ou obrigações do trabalho.

Talvez termos marcado aqui no meu apartamento não tenha sido a melhor ideia. Não há garçons vindo oferecer algo, de quebra ajudando a quebrar o clima entre duas pessoas que não sabem o que falar. Não há a desculpa de prender os olhos no cardápio porque não sabe para onde olhar. Não dá nem para fingir que está olhando o movimento

PERIGOSAS NACIONAIS

ou usar algo que acabou de ver como gatilho de conversa. Somos somente eu, ele e esse lugar quieto sem muito a oferecer. Por que mesmo que escolhi meu apartamento?

— Que tal aquela sessão de fotos que te ofereci outro dia? — Arthur quebra o silêncio.

— Então é esse o seu interesse em mim? Procurando uma boba pra fazer um book seu de graça?

— Garanto que vais gostar do pagamento.

Ele sorri e abaixa os olhos. Tímido o rapaz? Não pode ser.

— Está falando sério? — Mordo o lábio em dúvida.

Quase nada nessa vida me faz mais feliz que me perder atrás de uma câmera. Já cheguei a fotografar minha casa inteira quando não tinha outro lugar para ir. Sei que ele falou brincando, mas decido abusar da gracinha dele e me levanto, indo em direção à câmera, que está no quarto ao lado. Volto com ela já presa em volta do meu pescoço e me delicio com sua risada escandalosa quando percebe o que estou fazendo.

— Você que pediu, Arthur — provoco, ajustando o foco da câmera ao mesmo tempo.

PERIGOSAS ACHERON

— Você não existe, Dalila.

Então ele se acomoda melhor no sofá, cruzando as pernas e apoiando os braços em suas coxas. Aproveito e bato uma foto enquanto ele ainda está distraído, ajeitando-se. Trabalho um pouco os ângulos até achar os melhores. Ele sorri, faz caretas, olha para o lado envergonhado, mas em nenhum momento acaba com a minha diversão. Arthur continua fazendo bobanças e me arrancando sorrisos, tornando esse momento um dos melhores dos últimos dias, fazendo com que o peso dos meus problemas saia de mim por alguns instantes.

Fazemos algumas pausas na sessão de fotos para buscar alguma bebida, depois uns petiscos, até que finalmente cansamos e decidimos assistir um filme. Parece impossível me sentar ao lado desse homem em um momento tranquilizador, depois de tantas emoções que passei com ele. Mas é exatamente isso que acontece. Relaxo ao seu lado, em algum momento do filme apoiando a cabeça em seu ombro, e Arthur retribui o toque, enlaçando minha cintura por trás.

Decido que vou fingir estar tudo bem por alguns instantes e aproveitar esse doido estranho que surgiu em minha vida. Destino ou acaso? Nem

quero saber. A sensação de paz que tenho com ele, misturada com uma euforia inexplicável, faz tudo parecer tão certo. Não estou à procura de um namorado, marido, peguete, ou seja lá o que. Gosto do que temos aqui. Despretensioso. Divertido. Delicioso.

Perco-me totalmente no filme que passa na televisão e lembranças do dia em que conheci Arthur surgem à minha mente. Não consigo evitar um sorriso bobo ao lembrar de cada momento que passamos. Ele percebe e olha para mim.

— Qual a graça?

— Nada. — Tento segurar o sorriso, mordendo as bochechas, mas engano ninguém.

Ele cerra os olhos em minha direção.

— Desembucha.

— Quem diria que eu estaria em um encontro com o cara que, alguns dias atrás, achei estar me assaltando.

Ele sorri também. É tudo muito louco se pararmos para pensar.

— Então isso é um encontro?

Ele ri e eu reviro os olhos. Deveria ter visto essa vindo.

No instante seguinte, estamos nos beijando.

Não um beijo roubado dessa vez. Não há nada fora do contexto. Não há motivos para não fazermos isso. Não estamos discutindo nem nada. Arthur me beija, e eu o beijo. Embolamo-nos em abraços e beijos, trocando provocações e muito carinho.

Ele realmente não conheceu o meu quarto hoje. Mas ninguém nunca disse que sofá só servia para se sentar, né?

CAPÍTULO *nove*

Arthur

Deveria me surpreender quando, após apenas alguns poucos dias encontrando Dalila aqui e ali, ela resolveu se abrir comigo. Fui pego de surpresa com a história de seu irmão. Ela simplesmente apareceu no meu apartamento na quarta-feira da semana seguinte a que começamos a sair, os olhos cheios de lágrimas, o corpo tremendo inteiro. Não entendi muito bem no começo, algo sobre seu irmão ter sido preso. Mas logo ela se acalmou e me explicou tudo.

No dia seguinte, quando Dalila acordou na minha cama pela primeira vez, envolta em meus braços, ela me contou sobre o Roger. Sobre tudo que ele fez por ela e de como ela o havia magoado.

Eu sei o quanto foi difícil para ela admitir e compartilhar todas essas histórias comigo. Quando a conheci, correndo nas ruas de São Paulo toda maluquinha e irritada, não imaginava a pessoa que ela era. A verdade é que a gente nunca conhece alguém até realmente conhecer, e eu estou adorando conhecer cada parte de Dalila, as boas e as ruins.

Conforme prometi para minha mãe, fui visitá-los no fim do mês. Não pensei duas vezes e chamei Dalila para ir comigo. Achei que seria difícil para ela ver uma família toda feliz assim, enquanto a dela está passando por problemas tão complicados, mas no fim Lila só me agradeceu, falando que o final de semana na minha cidade natal foi revigorante e que ela adorou conhecer minha família.

Nossa história começou com vários encontros inesperados e emocionantes. Eles impactaram minha vida desde o começo. Hoje, nós continuamos tendo esses encontros. Mas com uma pitada a mais de emoção.

Eles acontecem no seu apartamento, no meu apartamento, no escritório de Dalila, em alguma sala de reunião depois que todos já foram embora,

ou naquele corredor da *Business* que nunca passa ninguém. Quase nunca.

Agora estou na sua sala, aguardando Dalila voltar de algum problema que ela precisou ir resolver. Estou olhando as fotos do meu book que Dalila fez algumas semanas atrás, depois de muita pressão por parte dela para que eu escolhesse as que mais gostei. Minha vontade é deletar algumas que ficaram vergonhosas demais para serem vistas, mas sei que ela vai reclamar para o resto da vida se eu fizer isso.

Dalila aparece um tempo depois e já vai tirando os sapatos enquanto encosta a porta e tranca. Olho sua cara de abusada e sei que seu objetivo de vida é me provocar. Foi assim desde o começo.

— Já escolheu as fotos para revelar?

— Não, acho que vou precisar de ajuda.

Estendo os braços, chamando-a, que vem em minha direção e se senta no meu colo, abraçando meu pescoço.

— Então trata de escolher, quero revelar para o meu portfólio profissional.

— Assume vai, você quer revelar minhas fotos só pra as deixar no seu quarto pra ter uma

coisa bonita pra olhar.

— Coisa bonita eu olho no espelho, querido.

Ela faz um biquinho e eu roubo um beijo. A princípio sem segundas intenções, somente para desmanchar a carinha emburrada dela. Mas então continuo a beijá-la, que me corresponde.

Dalila se ajeita no meu colo, passando uma perna para cada lado e enlaçando meu corpo. Ela apoia as mãos em meu peito enquanto eu a abraço, espalhando beijos pelo seu pescoço, colo, até chegar próximo ao seu decote. Raspo os dentes em sua pele, que deliciosamente se arrepia. Ela joga a cabeça para trás e espera que eu continue a provocação, enquanto ela mesma se contorce em meu colo, provocando-me.

Quem diria que essa maluquinha que encontrei pelas ruas de São Paulo entraria em minha vida dessa forma? Apesar do pouco tempo de convivência, não consigo mais imaginar meus dias sem sua presença, suas risadas, sua voz delicada e ao mesmo tempo feroz. Nós encontramos um ritmo tão nosso, tão perfeito, tão fácil, que parece quase impossível de acreditar.

Levanto-me da poltrona com Dalila em

PERIGOSAS NACIONAIS

meus braços e a apoio em cima da mesa. Puxo suas pernas para me enlaçarem e começo a beijar seu ombro enquanto desabotoo sua camisa. Dalila arqueja e se arrepia toda com os meus toques. Sua blusa cai em meus braços e ela ajuda a tirá-la de vez, sobrando apenas seu sutiã que me impede de apreciá-la melhor. Começo a puxar a alça com os dentes enquanto Dalila desce as mãos até o meu cinto.

Perco completamente o controle quando ela arranca o meu cinto, abre o zíper de minha calça e começa a me excitar. Não que eu já não estivesse preparado para ela, mas Lila e seus toques me enlouquecem ainda mais.

Volto minha boca à sua e a beijo ferozmente, mordendo seus lábios e provocando-a com minha língua.

— Você é tão maravilhosa.

Paro por alguns segundos para venerar seu corpo, agora mais descoberto ainda. Ela é tão linda que nem sei explicar. Essa mulher me enlouquece sem nem medir esforços. Sei que estou apaixonando-me por ela cada dia mais, mas não duvido ao pensar que ela me corresponde de todas as formas.

PERIGOSAS ACHERON

Dedico meus dias a deixar essa mulher feliz, tentando afastar de seus pensamentos todas as preocupações que ainda a rodeiam. Geralmente consigo isso servindo-lhe uma boa dose de whisky acompanhada de muitos beijos.

Minha vontade é falar para ela o quanto a desejo, o quanto a amo, mas nós criamos um ritmo nosso e sei que Dalila precisa levar as coisas mais devagar. Ela deixou claro que não tem interesse de entrar em um relacionamento agora, mas mesmo assim não pensa duas vezes ao me ligar o tempo todo dizendo que quer me ver.

Sorrio com esse pensamento, sabendo que ela corresponde aos meus sentimentos mesmo não falando nada. Nosso amor é silencioso, mas é mútuo.

— O que foi? — ela fala entre nossos beijos.

— O quê?

— Você está sorrindo.

— Eu estou feliz, Lila.

Ela sorri, compreendendo o que quero dizer.

— Eu também, doidinho.

E é com seu sorriso travesso em minha mente que a deito completamente sobre a mesa e

PERIGOSAS NACIONAIS

volto a explorar seu corpo, agora já conhecendo cada toque que a excita e a faz pedir por mais.

PERIGOSAS ACHERON

EPÍLOGO

Dalila

Não consigo evitar um sorriso quando vejo meu querido chefe desfilando com sua nova mulher pelo evento da empresa. Roger decidiu comemorar o sucesso que está sendo o novo sistema da *Business Magazine*, e também aproveitou para nos apresentar o motivo de toda a felicidade que ele vinha demonstrando nas últimas semanas.

Demoramos um pouco para retomar ao nosso ritmo. Por algum tempo ainda sentia a mágoa reservada de Roger e estava esforçando-me muito para mostrá-lo o meu grande apreço por sua pessoa. Não sei dizer quando aconteceu, mas em algum momento tudo voltou ao normal entre a gente.

Após Roger fazer um breve discurso sobre o
PERIGOSAS ACHERON

motivo de toda essa festa, ele pediu que o *DJ* começasse a música. Não demorou dois segundos para Arthur me puxar da cadeira em direção à pista.

Quando soube do evento, sequer hesitei em convidar o homem ao meu lado para ser meu acompanhante. Apesar de nunca termos definido nada, sei que o que temos vai muito além de encontros casuais sem importância. Aprendi a aproveitar cada centímetro de Arthur para o meu bel prazer, mas também para a saúde do meu coração. Não consigo mais imaginar meus dias sem ele aqui comigo.

Enquanto seguimos pela pista em uma dança lenta, com Arthur cantarolando a letra, não consigo evitar em sentir um quentinho gostoso dentro de mim. Olho para os seus olhos castanhos e me lembro de como tudo começou. Ele sorri para mim, nossos sentimentos silenciosos sendo externados dessa nossa forma. Mas algo em mim decide que está na hora de mudar isso. Não hesito quando o beijo e em seguida declaro meu amor por ele.

— Eu te amo tanto, Arthur. Obrigada por tudo.

— Eu também te amo, Lila.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele me abraça mais apertado e sussurra em meu ouvido.

— Namora comigo?

Sorrio o que deve ser o sorriso mais escancarado que já tive em minha vida toda, afirmando que sim, eu aceito namorar com ele.

Meu coração está em tanta paz que não consigo imaginar um momento mais gostoso do que estou vivendo agora. Agradeço aos Deuses do mundo por terem colaborado comigo, ajeitado todos os pontos errados em minha vida.

Meus pais tomaram juízo e foram atrás do meu irmão, que finalmente começou a se comportar que nem gente e parou de me causar dor de cabeça. Alguns dias atrás, eles vieram me visitar e foi muito bom ter toda a minha família reunida sem nenhuma briga no meio.

Nem preciso dizer que está correndo tudo bem na empresa. Não consigo nem imaginar a reação de Roger quando eu chegar na segunda-feira com a minha carta de demissão. Depois de conversar muito com Arthur, resolvi seguir a carreira de fotógrafa que tanto almejo. Já consegui aumentar minha lista de clientes e estou esperançosa que dará tudo certo.

PERIGOSAS ACHERON

Aprendi a confiar em minha capacidade. Apesar de ser muito boa no que faço na revista, tenho muito receio de seguir a carreira de *freelancer* em uma área em que ainda não tenho tanta experiência. Mas conversei muito com Arthur e ele me ajudou bastante a entender como funciona esse meio, inclusive oferecendo-me todo o apoio do mundo.

Quem diria que encontros tão doidos resultariam em algo tão lindo e mágico. Olho para o homem à minha frente, com a barba por fazer e seus olhinhos brilhantes, e falo a única coisa possível para o momento.

— Nada de novos recomeços. Eu quero viver tudo com você, Arthur, as coisas boas e as ruins. Ao seu lado tudo se torna tão mais fácil e feliz.

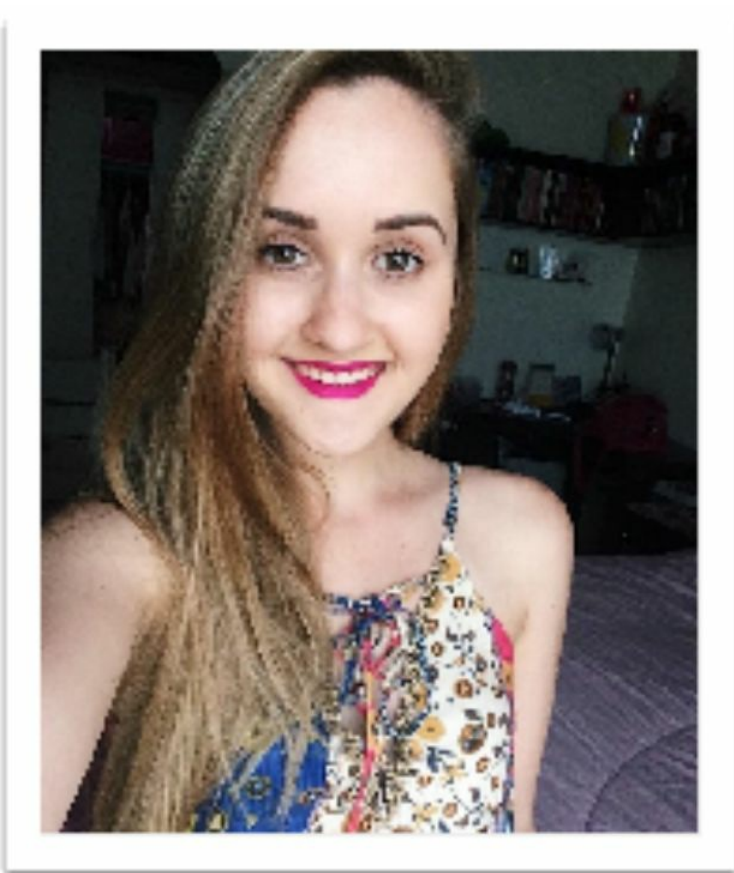
Ele ri com a lembrança da frase que usamos algumas vezes quando nos conhecemos. Em seguida, eu o beijo com tanto amor e necessidade que as pessoas ao redor devem estar olhando-nos com estranhamento. Mas eu estou tão feliz que não poderia me importar menos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fim...

PERIGOSAS ACHERON

SOBRE A *autora*



Gabrielle Karina

Sprung Sasse é Engenheira Civil, trabalha na área, mas gosta de usar seu tempo livre para ler e escrever. Quando mais nova adorava acompanhar páginas de fanfic e seu sonho sempre foi publicar um livro.

PERIGOSAS ACHERON

Seu gênero favorito é *romance*, mas ultimamente ela vem se aventurando nos Suspenses Policiais. Ainda, ela tem um perfil literário chamado “Estante da Elle” no instagram para falar sobre suas experiências com os livros.

Gabrielle estreou sua jornada como escritora participando da Antologia Cinderelas, e o conto Encontros Impactantes é sua primeira obra independente. Mas agora que começou, ela não pensa em parar tão cedo. Já tem muitos projetos em mente e, inclusive, já está passando um deles para o papel.

Você pode encontrar ela nas seguintes redes sociais:

<https://www.instagram.com/estantedaelle/>

<https://www.instagram.com/gabriellekss/>

<https://www.facebook.com/gabriellesasse>

<https://www.skoob.com.br/usuario/88367>

<https://www.wattpad.com/user/gabriellesasse>